

FSH - FACULDADE SANTA HELENA

**RELAÇÕES FAMILIARES:
POSSIBILIDADES ENTRE PAIS E FILHOS NUM CONTEXTO
DE SURDEZ**

IZABEL CRISTINA MIRANDA DE MOURA

Recife

2009

FSH - FACULDADE SANTA HELENA

**RELAÇÕES FAMILIARES:
POSSIBILIDADES ENTRE PAIS E FILHOS NUM CONTEXTO
DE SURDEZ**

IZABEL CRISTINA MIRANDA DE MOURA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pós-graduação em Estudos Surdos da Faculdade Santa Helena, como requisito parcial para obtenção do título de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos.

Orientador: Prof^a M^a Maria Izabel de Melo Monteiro

Recife

2009

FSH - FACULDADE SANTA HELENA

RELAÇÕES FAMILIARES: POSSIBILIDADES ENTRE PAIS E FILHOS NUM CONTEXTO DE SURDEZ

IZABEL CRISTINA MIRANDA DE MOURA

Monografia apresentada à coordenação do curso de Pós-graduação em Estudos Surdos da Faculdade Santa Helena, como requisito parcial para obtenção do título de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos.

Data de aprovação:

___/___/___.

Profª Mª Izabel de Melo Monteiro (Orientadora)

Profª Liliane Vieira Longman

Profª Mª Teresa Barreto Campello

DEDICATÓRIA

Aos meus alunos da Turma de Educação de Surdos, que me ensinaram muito. A Regilene, minha instrutora de Libras, que me ensinou muito mais do que uma língua, me ensinou a conhecer a cultura surda e a como trabalhar com meus alunos surdos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre indicar a direção que devo seguir, permitindo novas descobertas, oportunizando sempre refazer o meu caminhar.

À minha família que sempre entende minhas escolhas, mesmo quando estou longe, Marcelo, André, Joanna e Beatriz.

Aos professores que contribuíram para meu crescimento, em especial a Maria Izabel, minha orientadora, pela paciência e dedicação.

Aos colegas com quem convivi nestes meses, em especial Risonilta e Isis, companheiras de trabalhos. Maria Jeane por sua ajuda nos momentos de dificuldade.

Jandira, mais do que uma amiga, uma irmã em todos os momentos.

Às amigas, que deram muitos palpites e aprenderam sobre as questões de surdez: Rosa, Lúcia de Fátima, Geisa, Sara, Rosane, Leila e Marize.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho.

“Quando criança eu não sabia que era surda (parcial) por que era difícil alguém conversar comigo, se conversavam eu não ouvia mesmo, ninguém nunca me chamou atenção para eu saber se eu deveria ouvir ou não. Em casa, meus familiares pouco conversavam, mas quando eles falavam de frente apontando o que eles queriam eu os entendia.”

Shirley Vilhalva

RESUMO

O objetivo deste estudo foi o de investigar como se constroem e se processam as relações familiares entre os pais ouvintes e seus filhos surdos. Identificando, como ocorrem no ambiente familiar, situações de comunicação e interação. Como estes pais vêem seus filhos e como colaboram para o seu desenvolvimento. O tema surgiu a partir de conversas com alunos surdos, da Classe de Educação de Surdos, a respeito de suas relações com suas famílias. E se consolidou durante o Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos. O trabalho foi dividido em duas etapas, sendo a primeira o levantamento bibliográfico, que subsidiou o referencial teórico e a segunda parte com a discussão a partir das respostas dos pais ouvintes e estudantes surdos do Ensino Fundamental e Médio, ao questionário aplicado pela Pesquisa: Figurações Culturais- Surdos na Contemporaneidade. Ao final do presente trabalho conclui-se que pais ouvintes podem colaborar no desenvolvimento de seus filhos surdos desde que tenham a possibilidade de compreender a surdez não como deficiência. O que só poderá ocorrer se quando descobrirem a surdez tiverem contato, não apenas com os profissionais da saúde, mas também com outros surdos, Associações e Federações de surdos, assim recebendo as informações necessárias para decidirem o caminho a seguir.

Palavras-chave: Família. Surdez. Relacionamento

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate how the family relationship between hearing parents and their deaf children are built and processed, identifying, as occurs in the family, situations of communication and interaction, the way that these parents see their children and how they collaborate for their development. The subject arose from conversations with deaf students, the Class of Deaf Education, about their relationships with their families. And was consolidated during the Course of Specialization in Special Education: Deaf Studies. The work was divided into two stages: the first literature review, which subsidized the theoretical base and the second part about the discussion from the responses of hearing parents and deaf students in elementary and high school to the applied questionnaire : Cultural Figurations - Deaf in the Contemporaneousness. At the end of this study it was concluded that hearing parents can collaborate on the development of their deaf children as long as they have the ability to understand deafness not as a disability. This can only occur when they discover the hearing they have contact, not just with health professionals but also with other deaf people, Associations and Federations of the deaf, so getting the necessary information to decide the way forward.

Keywords: Family. Deafness. Relationships

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Identificação dos pais	29
QUADRO II – Identificação dos pais	30
QUADRO III – Primeira Língua Aprendida	32
QUADRO IV – Primeira Língua Aprendida	33
QUADRO V – Idade em que aprendeu Libras	36
QUADRO VI – Idade em que aprendeu Libras	37
QUADRO VII – Primeiro contato dos pais com a Libras	38
QUADRO VIII – Primeiro contato do filho surdo com a Libras	39
QUADRO IX – Quem ensinou Libras	41
QUADRO X – Quem ensinou Libras	42
QUADRO XI – Formas de comunicação	44
QUADRO XII – Uso da Libras	47
QUADRO XIII – Estímulo a falar português	48
QUADRO XIV – Reação ante a surdez do filho	50
QUADRO XV – Implante coclear	52
QUADRO XVI – Implante coclear	53
QUADRO XVII – Surdo que quer ser ouvinte	54
QUADRO XVIII – Condição de ser surdo	55
QUADRO XIX – Quem é o surdo	56
QUADRO XX – Cultura e língua	58
QUADRO XXI – Vergonha do filho surdo pela família	59
QUADRO XXII – Vergonha do filho surdo pelos pais	60
QUADRO XXIII – Dificuldade	61
QUADRO XXIV – Orgulho do filho surdo	63
QUADRO XXV – Participação na família	64
QUADRO XXVI – Sentimento mais difícil	65
QUADRO XXVII – Lugar onde usa mais a Libras	67
QUADRO XXVIII – Lugar onde usa menos a Libras	68
QUADRO XXIX – Lugar onde usa mais a Libras	69

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO I – Identificação dos pais	30
GRÁFICO II – Identificação dos pais	31
GRÁFICO III – Primeira Língua Aprendida	33
GRÁFICO IV – Primeira Língua Aprendida	34
GRÁFICO V – Idade em que aprendeu Libras	36
GRÁFICO VI – Idade em que aprendeu Libras	37
GRÁFICO VII – Primeiro contato dos pais com a Libras	39
GRÁFICO VIII – Primeiro contato do filho surdo com a Libras	40
GRÁFICO IX – Quem ensinou Libras	41
GRÁFICO X – Quem ensinou Libras	42
GRÁFICO XI – Formas de comunicação	45
GRÁFICO XII – Uso da Libras	47
GRÁFICO XIII – Estímulo a falar português	49
GRÁFICO XIV – Reação ante a surdez do filho	51
GRÁFICO XV - Implante coclear	52
GRÁFICO XVI - Implante coclear	53
GRÁFICO XVII – Surdo que quer ser ouvinte	54
GRÁFICO XVIII- Condição de ser surdo	55
GRÁFICO XIX- Quem é o surdo	57
GRÁFICO XX – Cultura e língua	58
GRÁFICO XXI – Vergonha do filho surdo pela família	60
GRÁFICO XXII – Vergonha do filho surdo pelos pais	61
GRÁFICO XXIII – Dificuldade	62
GRÁFICO XXIV - Orgulho do filho surdo	63
GRÁFICO XXV – Participação na família	64
GRÁFICO XXVI – Sentimento mais difícil	65
GRÁFICO XXVII – Lugar onde usa mais a Libras	67
GRÁFICO XXVIII – Lugar onde usa menos a Libras	68
GRÁFICO XXIX – Lugar onde usa mais a Libras	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 HISTÓRICO DO CONCEITO DE FAMÍLIA	14
1.1 Uma breve reflexão sobre o histórico da estrutura familiar	15
1.2 Os laços familiares na Idade Média	17
1.3 Diversos arranjos familiares na contemporaneidade	20
2 FAMÍLIA DO SURDO	22
2.1 Os pais e o reconhecimento da surdez	23
2.2 O contexto familiar e a organização dos papéis	25
3 PERSPECTIVA DO RELACIONAMENTO: Família ouvinte e filho surdo	28
3.1 A formação da estrutura familiar	29
3.2 As dificuldades na comunicação	31
3.3 A Libras e o ambiente familiar	38
3.4 O uso da Libras no contexto familiar	44
3.5 Relacionamento da família ouvinte com os filhos surdos	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO

No final da década de 90, participando de capacitações e Cursos de Libras oferecidos pelo Governo do Estado de Pernambuco para a sensibilização dos professores de Classe Regular quanto à questão da surdez, surgiu a oportunidade de conhecer e despertou-se o interesse pela Educação de Surdos.

O convite para lecionar em uma turma de jovens surdos em 2000, possibilitou um convívio diário o que levou a uma reflexão sobre a questão do surdo com família ouvinte, ao observar as relações e comentários dos próprios alunos.

As considerações feitas por alunos durante as aulas acerca da própria família levam a algumas reflexões. Em um momento quando se estudava a certidão de nascimento dos alunos, *F., que contava na época com quatorze anos, questionou o porquê de sua mãe ter chorado quando descobriu que ele era surdo, o que gerou maior interesse pelas relações estabelecidas nesta família ouvinte com seus filhos surdos. Outras inquietações foram aparecendo e as conversas se aprofundando. O tema desta monografia, “Relações Familiares: possibilidades entre pais e filhos em um contexto de surdez” surge, então, da convivência com estes alunos.

Durante o I Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Surdos: Estudos Surdos- realizado pelo Centro Suvag, em 2001, pode-se aprofundar essas questões, com o Trabalho de Conclusão do Curso, intitulado Implicações da Surdez nas Relações Familiares: Reflexões Iniciais (SANTOS et al, 2001).

A pesquisa deste trabalho surgiu a partir das vivências em sala de aula com alunos e suas famílias. Começam-se as discussões sobre a temática. A questão da família foi compartilhada pelo grupo de trabalho do curso citado acima, que no início contou com a participação de um integrante surdo. Sendo muito instigante o relato de suas experiências.

* O nome do aluno foi preservado

A pesquisa realizada transformou-se no artigo, Implicações da Surdez nas Relações Familiares: o Isolamento Nas Famílias Surdas. Primeiras aproximações. (OLIVEIRA, SANTOS e SILVA, 2002).

Durante o Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos, a temática voltou a suscitar debates e trouxe o desejo de se aprofundar mais a relação de pais ouvintes com filhos surdos.

O tema deste trabalho surge então a partir de algumas indagações, de como a família ouvinte contribui para o desenvolvimento deste filho surdo; quais as relações desenvolvidas entre pais ouvintes e seus filhos surdos?

Levantando-se algumas hipóteses que permearão o trabalho: que os filhos surdos de pais ouvintes, são estrangeiros dentro de seu ambiente familiar, pois os pais não conseguem aprender Língua de Sinais e desta maneira não oferecem o contato destes filhos com o que deveria ser sua primeira língua. Logo, os pais sentem dificuldade em relacionar-se com este filho. A falta de contato com outros surdos, adultos e crianças, limita a visão da família, o que dificulta compreender o surdo como alguém lingüístico e culturalmente diferente. Levando a busca constante de torná-lo igual, ao tentar ensinar a falar ou desejar o implante coclear como solução para a surdez.

O objetivo deste estudo foi o de investigar como se constroem e se processam as relações familiares entre os pais ouvintes e seus filhos surdos. Identificando como ocorrem no ambiente familiar, situações de comunicação e interação entre os pais ouvintes e estes filhos surdos. Como estes pais vêem seus filhos e como colaboram para o seu desenvolvimento.

Para o desenvolvimento deste tema realizou-se uma revisão bibliográfica do histórico e conceito de família, reflexões sobre a família ouvinte com um filho surdo. Depois foi realizada a análise dos resultados obtidos a partir da pesquisa Figurações Culturais Surdos na Contemporaneidade (2009). Pesquisa que foi elaborada de forma coletiva pelos alunos e professores do Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos da Faculdade Santa Helena, com o apoio da Secretaria de

Educação de Pernambuco e aprovada no comitê de Ética da UFPE, CEP/CC5/UFPE: registro: nº 319108.

Para esse trabalho foram selecionadas respostas do questionário aplicado aos pais ouvintes e o questionário dos estudantes, por se tratar de um tema sobre a relação dos pais ouvintes com seu filho surdo.

O primeiro capítulo aborda o histórico e o conceito de família, construindo-se uma linha histórica para compreender a evolução e as mudanças ocorridas nesta instituição, para poder conhecer como se constitui a família contemporânea.

No segundo capítulo apresentam-se questões a respeito dos pais ouvintes e o filho surdo, caracterizando o processo da chegada e aceitação do filho surdo, refletindo-se como a família ouvinte pode relacionar-se com este filho.

No terceiro capítulo discutem-se os resultados obtidos a partir das respostas selecionados nas entrevistas com os pais ouvintes e os estudantes surdos. Na tentativa de se aproximar de como vem se efetivando esta relação e assim poder aprofundar as questões acima levantadas, não na perspectiva de respondê-las em definitivo, mas de despertar o debate e reflexão, das famílias e sociedade, acerca delas.

1 HISTÓRICO DO CONCEITO DE FAMÍLIA

É dentro da família que o ser humano dá seus primeiros passos para o desenvolvimento natural e social, portanto conceituá-la nos remete à necessidade de pensar esta instituição em seus aspectos históricos, visto que este núcleo humano vem sofrendo alterações de acordo com os modelos sociais e econômicos de cada época. Para isso utilizou-se de alguns elementos históricos de cada época, no sentido de uma aproximação dos conceitos que lhes deram sustentação e a evolução destes até a atualidade.

Para Neves (2008) historicamente a palavra família é de origem latina, *famulus*, que significa escravo doméstico, usada para definir um vínculo doméstico, íntimo. Referem-se ao conjunto das propriedades de alguém, incluindo escravos, bens, terras, instrumentos e animais de trabalho, dando a idéia de propriedade, sendo posteriormente agregado a esta definição a posse de mulheres e filhos, justificada por uma organização social de superioridade do gênero masculino, ou seja, a idéia do pátrio poder tão arraigada socialmente nas organizações do início das civilizações.

Outra definição para o termo vem do hebraico bíblico, *mishpahah*, que significa “clã, tribo, povo”, isto é, um “grupo de pessoas que habitam em um mesmo lugar ou em várias aldeias, que tem interesses e deveres comuns e cujos membros são conscientes dos laços de sangue que os unem, pelos quais se chamam de irmãos” (MALDONADO, 2003, p.14).

O que acontecia também nas civilizações greco-romana, com o termo casa (*oikos*), utilizado para expressar a *idéia de linhagem, ascendência, tribo*. Este conceito de família busca reservar além das características biológicas as questões do poder econômico, os valores religiosos e sociais. (MALDONADO, 2003, p.18).

A constituição da organização familiar no Brasil data do século XVI com o significado de pertencimento a determinados bens econômicos e sociais, assim

define José Machado (2003), em seu Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, a palavra família entrou na nossa língua por via culta, significando “o conjunto dos escravos da casa; todas as pessoas ligadas a qualquer grande personalidade; casa de família”.

O Dicionário Houaiss conceitua a família dentro dos mesmos elementos aglutinadores acrescentando aos laços sanguíneos ou junção pelo casamento, a adoção o que modifica a composição.

Diante das definições apresentadas é possível verificar que o conceito de família tem como princípio estruturador as idéias de posse, pertencimento, propriedade e a organização desses partícipes em categoria social, cuja forma de organização se estabelece de forma linear e arbitrária as mudanças pela qual passava outras organizações sociais, conforme nos diz Motta (1998), família é “a articulação de relações de gênero e de gerações que tecem e se realizam em um tempo social e histórico, para uma vida em comum e um fim, ou um esperado acontecer, da reprodução-biológica e social”.

1.1 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O HISTÓRICO DA ESTRUTURA FAMILIAR

O cenário histórico por qual a família se viu representada, no decorrer de sua constituição se configura pela vertente da superioridade do gênero masculino e por interesses econômicos e sociais. Na antiguidade a mulher considerada como gênero de menor valia, quando se casava, passava a pertencer ao marido. “No Direito, não contavam os laços de afeto”, uma filha não podia herdar os bens da família, por ser considerada inapta a assumir as funções do homem, realizar os rituais aos antepassados, nem gerir os bens (NEVES, 2008).

Na mesma direção Muricy (2000), descreve esta organização familiar como o núcleo social governado pelo *pater familias*, a autoridade suprema dentro da família, exercida pelo homem, que não era somente pai e esposo, mas também senhor, juiz e sacerdote dentro da sua unidade familiar.

A rigidez das classes sociais era mantida pela via dos casamentos que se realizavam mediante as condições sociais dos conjugues, a união entre as classes desfavorecidas economicamente ocorriam em situação diferenciada dos nobres, os camponeses se conheciam na lavoura, onde as mulheres tinham a função de ajudar e entre os nobres, os casamentos eram arranjados obedecendo-se às linhagens. Os pais das jovens que descendiam da nobreza procuravam casamentos em que as famílias fossem da mesma origem social e padrão econômico, para que assim pudessem unir suas fortunas (MACHADO, 2009).

Na sociedade grego-romana o parâmetro da religiosidade era fator determinante na constituição das famílias apenas aqueles que cultuavam a religião do lar faziam parte do núcleo. Desta maneira, quem morasse na “mesma casa pertencia à família desde que prestasse culto aos mortos antepassados, ainda que a eles não estivesse ligado pelo parentesco sanguíneo” (NEVES, 2008, p.1). Assim era natural, entre os romanos, que os irmãos ao se casarem continuassem a habitar em uma mesma propriedade, pois se consideravam, todos, uma única família.

É neste modelo, onde o homem é o senhor das pessoas e dos bens, que a família se estrutura na antiguidade e como consequência desse poder absoluto está também o direito ao infanticídio legal que Perrenoud (1997?) assim define:

Aliás, na antiguidade, a criança é a grande sacrificada: ela é um objeto cuja vida depende do juízo e do capricho paternal. Ela está submetida a todas as eventualidades de uma troca ou de uma adoção, e quando o direito à vida lhe é cedido, fica na dependência do paterfamilias até a morte deste; mesmo então ele não herda de pleno direito, pois seu pai pode dispor de seus bens em testamento a seu grado. Quando o Estado se interessa por uma criança, nunca será para intervir em seu favor, mas tão somente para formar o futuro soldado ou o cidadão.” (PERRENOUD,1997,p.3).

Machado (2009) aprofunda a discussão afirmando que também era muito comum, o sacrifício ou o abandono de crianças recém-nascidas deficientes, pois a saúde perfeita iria garantir para os meninos assumir o lugar do pai e para as meninas um bom casamento.

Daí conclui-se que o homem então se apresenta como o cerne da família, detentor do patrimônio econômico e do destino dos membros, com o aval dos princípios religiosos.

1.2 OS LAÇOS FAMILIARES NA IDADE MÉDIA

Na Idade Média vemos surgir uma modificação neste conceito de família, onde o que passa a contar é a linhagem, diferente da antiguidade, os laços consangüíneos são o que importam por isso, Perrenoud(1997?) informa que:

São muitos os costumes medievais que vêm desta preocupação de proteger o bem de família. Quando faltam herdeiros diretos, os bens de origem paterna voltam à família do pai, e os bens de origem materna voltam à família da mãe, enquanto que em direito romano só era reconhecido o laço do lado masculino. (PERRENOUD,1997, p.8).

A família tinha uma função a cumprir, que era a de assegurar “a transmissão da vida, dos bens e dos nomes”, não havia as uniões por um sentimento, como conhecidas nos dias atuais e não tinha a idéia da sua função educativa. (ÁRIES, 2006, p. 193).

Outro fator a ser evidenciado neste período histórico diz respeito à educação das crianças que era realizada pela aprendizagem junto aos adultos, havendo, portanto a permuta de responsabilidade e conseqüente o agravante da falta efetiva do convívio mais próximo da família de origem. A partir dos sete anos as crianças eram entregues, aos cuidados de outra família, que seria responsável por sua educação, onde eram aprendizes e também colaboravam nos afazeres, abreviando assim o período de infância.

Por influências religiosas, surgem no final da Idade Média as primeiras instituições designadas a prática educacional, gerando a partir do século XIV, o surgimento de um novo sentimento de família que está estritamente relacionado ao novo sentimento de infância.

Esta forma de compreender a infância “correspondeu a uma necessidade nova de rigor moral por parte dos educadores, a uma preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la na inocência primitiva, a um desejo de treiná-la para melhor resistir às tentações dos adultos” (ÁRIES, 2006, p. 159).

Além dessa necessidade, havia agora uma preocupação dos pais de estarem mais próximos aos seus filhos. Um novo sentimento de família surge e com ele a substituição da aprendizagem, que antes era realizada sob o cuidado de outras famílias, agora era efetivada pela escola. Esta mudança no comportamento só é possível, quando se passa a ver a infância como um período maior, até poder se chegar à idade adulta. A família passa então a concentrar-se em torno da criança.

A escola é cada vez mais responsável pelo surgimento desta nova família, que mesmo deixando seus filhos afastados em internatos, não se separavam por períodos tão longos, mantendo um contato maior. E com a idéia de que naquele espaço estariam preservados do mundo adulto. Este sentimento de família também está ligado ao modo de vida, ela volta-se mais para o espaço privado, pois segundo Regen (2005):

As casas na Europa Ocidental, dos séc. XV ao XVII, abrigavam patrões, crianças e um grande número de empregados e aprendizes, que formavam um verdadeiro grupo social. Essa casa grande desempenhava uma função pública: não havia locais separados para a vida privada e a profissional, e tudo se passava nos mesmos cômodos. As mesas de jantar e as camas eram montadas de acordo com as necessidades e o número de visitantes. (REGEN, 2005)

Em uma nova organização do espaço doméstico a família vai se fechando, separam-se os patrões dos empregados, busca-se a privacidade. Para o autor acima citado, a mudança dos costumes é fundamental para o surgimento da família moderna, nuclear, que se constituiria apenas pelos pais e seus filhos.

Entretanto, Áries (2006) nos aponta que esta mudança demorou ocorrer nas classes mais populares, que por muito tempo continuaram a enviar seus filhos para serem educados por outras famílias e não faziam da privacidade um modo de vida,

apreciavam a multidão. Esta busca de intimidade e, por conseguinte, conforto separava a burguesia do povo, os distanciados.

Desta forma, “o sentimento da família, o sentimento de classe e talvez, em outra área, o sentimento de raça surgem, portanto como as manifestações da mesma intolerância diante da diversidade, de uma mesma preocupação de uniformidade” (ÁRIES, 2006, p. 196).

Ou seja, a busca da individualidade, da ideia do que é padrão, está presente neste momento no conceito de uma família modelo, capaz de estruturar a nossa sociedade, tudo que se desvia deste conceito pré-concebido, foge do “normal”.

Assim, toda e qualquer ideia que se faça de família, ou qualquer desejo de conceituá-la, estará impregnada de uma ideia particular, de um contexto social do qual somos oriundos. A nossa visão da família parte muitas vezes daquilo que experienciamos, de muitos preconceitos e conceitos já estabelecidos. Romper com esses paradigmas torna-se necessário para poder criar novas possibilidades, para poder compreender a funcionalidade dessa instituição. Uma busca talvez por uma descrição da família na contemporaneidade, do seu papel social e das novas relações existentes entre os seus membros. A família não se desestruturou, a família se redimensionou, modificou sua estrutura, a partir de novas articulações e relações, sendo ressignificada. Assim, Amazonas e Braga(2004), diz:

Falar de família é descrever nossa experiência, em termos familiares, ampliando os significados possíveis atribuídos ao termo, de modo a dar conta desse fenômeno, no momento histórico em que vivemos e seguindo orientações éticas resultantes do nosso sentido de solidariedade, incluindo, cada vez mais, todos os humanos.” (AMAZONAS E BRAGA, 2004, p.34).

Segundo Regen (2005) muitos foram os fatores que contribuíram para as mudanças ocorridas dentro da estrutura familiar. Apontando no século XX alguns acontecimentos que trouxeram um redirecionamento das relações familiares.

As duas grandes guerras, a maior participação da mulher no trabalho fora do lar, a possibilidade das mulheres exercerem o controle da natalidade, as declarações dos direitos humanos, o abandono da tradição, a ênfase dada a individualidade, a migração da população rural para as áreas urbanas e a grande influência da mídia, sobrepondo seus valores. (REGEN, 2005).

Hoje vemos que na família a participação e os papéis não estão mais ligados à figura paterna, cada membro da família assume um papel, todas as questões são negociadas, os conflitos se instalam, pois todos podem participar das decisões.

Existindo para Motta (1998) transformações em vários aspectos, que vão surgindo a partir das novas relações de gênero, das relações de diferentes gerações, as mudanças ocorridas no casamento, o direcionamento da educação dos filhos, as separações, as questões da sexualidade, a mudança do papel do provedor da família, a participação dos outros membros no orçamento doméstico, “solidariedades e responsabilidades intergeracionais, quase nada está sendo o mesmo”

1.3 DIVERSOS ARRANJOS FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE

Na contemporaneidade diversos agrupamentos familiares foram se constituindo, embora a família nucleada ainda apareça como modelo ideal, pouco a pouco vem cedendo lugar a novas estruturas

Para Motta (1998) o fenômeno da longevidade, proporciona a convivência com o idoso, o que constitui uma nova rede relações, este idoso muitas vezes se torna o provedor com filhos adultos e netos, sobrevivendo de sua aposentadoria, as condições sociais e econômicas, invertem desta maneira a situação de cuidado.

Encontra-se também, principalmente nas classes populares, uma nova estrutura de parentescos, onde a família volta a se ampliar, tios, primos, avós, pais e filhos, dividem um mesmo espaço, uma mesma casa, numa rede de solidariedade.

Estudos realizados pelo Instituto de Pesquisa Econômico Aplicada (Ipea, 2008), mostram que o número de famílias chefiadas por mulheres aumentou dez vezes nos últimos treze anos. Isso demonstra uma modificação significativa na organização desta instituição, o gênero masculino perde o status de único provedor

nesta família contemporânea. São mudanças que vão além das questões econômicas, perpassam por transformações culturais.

De acordo com os estudos de Outeiral (2007), percebem-se também na atualidade as famílias formadas após a separação do casal, famílias que se reconstituem, onde convivem filhos de casamentos anteriores e do novo casamento.

Outro exemplo no contexto atual é a possibilidade da constituição de famílias monoparentais que ocorrem a partir da inseminação artificial, que permite as mulheres poder realizar o desejo de serem mães sem precisarem ter uma união estável, as conhecidas “produções independentes”, como a adoção permitida a pessoas solteiras e entre outros, a responsabilidade da criação assumida por apenas um dos gêneros.

As famílias homoparentais conquistam o seu lugar no âmbito do direito legal, inclusive de adoção, confirmando o que diz Amazonas e Braga (2004), sobre o papel do “outro” como constituinte do ser: “[...] não faz diferença se é homem ou se é mulher, heterossexual ou homossexual, desde que nos filie a uma ordem simbólica, insira-nos na cultura.” (AMAZONAS E BRAGA, 2004, p. 43).

Logo descrever a família na atualidade é algo muito complexo e conceituá-la significa abrir novas possibilidades de diálogo. Esta família contemporânea continua estabelecendo novas formas de se relacionar, se impondo, apesar de tantas resistências ou de tentativas de divulgar sua desestruturação, por conta destes novos arranjos.

2 A FAMÍLIA DO SURDO

A breve reflexão realizada sobre a constituição da família no decorrer da história mostra a criança como um dos elos aglutinadores desta instituição. Pois de acordo com Winnicott (2005) depois do casamento, existe um momento em que a chegada de um filho torna-se necessária, pois o nascimento de uma criança cria a família, mas:

[...] é claro que a criança não pode produzir essa família num passe de mágica, isto é, sem os pais ou o desejo dos pais, que se forma a partir do relacionamento do casal. Não obstante cada bebê, cada criança cria a família.” (WINNICOTT, 2005, p. 70)

Considera, entretanto, que esta contribuição poderá ser esquecida se a criança for doente ou deficiente, então é possível observar como os pais sofrem em consequência deste acontecimento. Pois, o nascimento de uma criança deficiente traz a necessidade da família lidar com uma nova realidade, antes não esperada.

Segundo Regen (2005), durante a gestação, antes de nascer, a criança começa a ser idealizada pela família, segundo seus “valores, criando expectativas em relação a esse filho desconhecido”, começa então a constituição da criança ideal.

Quando nasce um bebê deficiente, ocorre a morte deste bebê ideal e nasce então a criança real. Esta família necessita se reorganizar diante de um novo ser. Para Bisol (2004), as crianças que nascem com uma marca, são colocadas no lugar da diferença, no caso da surdez esta é uma marca que aparece mais tarde, pois não é uma marca visível, o que não impede que aconteça “uma ruptura violenta da continuidade esperada entre os pais e os filhos” (BISOL, 2004, p. 22)

Os pais deixam de se reconhecer nesta criança, há uma marca, que é atualizada sempre que esta criança buscar uma forma de se comunicar ou o simples fato de não fazê-lo como as outras crianças fazem, a falta das primeiras palavras ou da imitação dos sons ensinados pelos pais.

É certo que cada família reagirá de acordo com as perspectivas criadas em torno da criança e segundo Regen (2005) diante de alguns fatores: como a família de origem dos pais e as relações vivenciadas neste grupo; o tipo de gestação se planejada ou não, a relação do casal; a posição da criança na família se é o primeiro, as dificuldades de ter perspectivas de um futuro.

Desta forma alguns sentimentos geralmente são vivenciados “há um sentimento de tristeza e de perda muito grande, perda do filho sadio e idealizado” (REGEN, 2005).

Segundo Bisol (2004) apesar da busca da identificação, semelhança entre os pais e a criança, existe também a necessidade futura da busca da individuação, dos próprios gostos e desejos. Entretanto, com a marca da diferença, os vínculos são rompidos de maneira brusca, pois a criança não consegue ocupar o lugar que os pais imaginavam que ocuparia. (p. 22)

Para Hoffmeister (1999), a criança surda marca a diferença para os pais ouvintes. A visão do ouvinte é a de que “ser surdo é um problema” (p. 114). É a visão patológica da surdez, uma doença, a idéia de que não se pode viver sem a audição.

Na opinião de Bisol (2004), esta criança se torna estranha e ameaçadora, pois os pais não compreendem como poderão se comunicar com este filho, se ela os entenderá. Geralmente, estas famílias não terão contato com outras famílias, com crianças ou adultos surdos, o que promoverá mais dificuldades e estranheza.

No caso, pais e bebê estarão expostos a um intenso sofrimento psíquico, e justamente em um momento da vida da criança no qual é necessário muito investimento e envolvimento emocional. (BISOL, 2004, p.22).

2.1 OS PAIS E O RECONHECIMENTO DA SURDEZ

Diferentes fases são vivenciadas pelos pais para que possam compreender, se adaptar e aceitar este filho diferente, embora segundo Regen (2005) essas fases

não ocorram de maneira seqüencial ou nem todos os pais chegam a vivê-las da mesma forma “às vezes ainda encontramos pais com filhos adultos que ainda apresentam sentimentos que costumam predominar no momento do nascimento!”

Assim, segundo Bisol (2004) há momentos como a negação, a resistência a Língua de Sinais, tentativas de reparação e crises familiares. Quanto à negação, salienta que:

[...] se constitui na crença dos pais de que a criança responde ao ser chamada, que compreende quando algo lhe é solicitado, não admitindo a diferença que existe, comprometendo o seu desenvolvimento, afastando-a da Língua de Sinais impedindo o acesso ao que deveria ser sua primeira língua, ferramenta necessária para sua constituição. (BISOL, 2004, p. 23).

No reconhecimento da surdez como uma falta, uma doença, a família procura a cura através das tentativas de reparação, existe a busca intensa pela fala como reconhecimento da própria identificação com o grupo familiar.

À luz deste contexto, Hoffmeister (1999) afirma que a busca da cura é fortalecida pelos profissionais da audiologia ao influenciarem os pais a acreditar ser necessário fazer um esforço para que este filho participe do mundo ouvinte. Justificando assim a resistência em aceitar a Língua de Sinais, o medo que seu filho viva em mundo diferente, que não consiga progredir no mundo ouvinte. Se falar, poderá desenvolver-se melhor, mas quando a criança não consegue é vista como incapaz ou os pais são os culpados por não se esforçarem.

Todos nascem biologicamente determinados a desenvolver uma língua, a criança surda deveria ter como sua primeira língua a Língua de Sinais. Para Sacks (2005) quanto mais cedo à língua for introduzida e adquirida melhor, para não comprometer o desenvolvimento da criança.

Para o autor, “as crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes em língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros.” (SACKS, 2005, p. 44). Infelizmente as famílias não podem visualizar e oportunizar aos seus filhos esta aquisição, pois não compreendem esta importância, lhes falta o contato com a comunidade surda.

2.2 O CONTEXTO FAMILIAR E A ORGANIZAÇÃO DOS PAPÉIS

Com efeito, o contexto familiar ocasionado pelo nascimento de uma criança surda, exige uma nova organização dos papéis de pai e mãe. Pois geralmente a criança surda fica ao encargo da mãe e a relação com os demais membros da família é bastante reduzida. Crianças surdas nascidas em famílias ouvintes tendem a não pertencer nem ao mundo ouvinte, nem ao mundo surdo. Crescem em uma família onde se sentem isoladas, percebe-se isto no exemplo de Sacks (2005):

“Anteriormente privado de oportunidades – pois ele nunca fora exposto à Língua de Sinais – e prejudicado em sua motivação e estado de espírito (sobretudo no que se refere ao prazer que a brincadeira e a linguagem deveriam proporcionar), Joseph estava então apenas começando a aprender um pouquinho da língua de sinais, começando a ter alguma comunicação com os outros. Isso manifestamente o deleitava; ele queria ficar na escola o dia inteiro, a noite inteira, o fim de semana inteiro, o tempo todo. Dava muita pena ver a sua aflição ao sair da escola, pois ir para a casa, para ele, significava voltar ao silêncio, retornar a um vácuo de comunicação sem esperanças, onde ele não podia conversar, comunicar-se com os pais, vizinhos, amigos; significava ser deixado de lado, tornar-se novamente um ninguém.” (SACKS, 2005, p. 51).

Se em casa a criança recebe a marca de deficiente, daquele que falta algo, na comunidade surda ela encontra acolhimento, semelhança com seus pares. Podendo, desta maneira, construir uma imagem positiva de si mesmo, como alguém capaz. Por isso muitas vezes estar entre os amigos, na escola ou nas Associações de Surdos, em um lugar onde se fale a mesma língua, onde possa se fazer entender é melhor do que estar próximo a família ouvinte.

“Eu tive que renascer ao entrar na Comunidade Surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras.” (VILHALVA, 2001, p. 29).

Mas famílias ouvintes podem ser auxiliadas a compreenderem a diferença e desta forma ressignificar sua forma de ver este filho. Pois, não é fácil para estes pais identificarem-se com o filho surdo, sentem dificuldade em aprender uma nova língua, entrar em contato com uma nova cultura.

Ainda de acordo com Bisol (2004), não se pode negar a angústia vivenciada por esta família, pela falta da comunicação, pela solidão estabelecida, pelo abismo criado entre pais e filhos, essas limitações são uma frustração.

Logo existe uma dificuldade de ambas as partes, tanto da família quanto dos filhos surdos. Para que esta família possa colaborar para o desenvolvimento da identidade seu filho surdo terá que abdicar da crença que o único mundo existente é o dos ouvintes, que ser surdo é algo ruim ou um castigo. Que ser surdo é viver no mundo do silêncio, um mundo sem vida porque não existem os sons, tais como os ouvintes consideram essenciais.

Precisam conhecer famílias surdas, ter contato com outros surdos, crianças, jovens, adultos e idosos, sentir e presenciar a vida dessas pessoas e considerar que seu mundo não acabou porque tiveram um filho surdo e não saber como será o seu futuro por ser diferente da maioria ouvinte, mas que há inúmeras formas de ser e estar no mundo.

Assim os filhos surdos poderão compartilhar junto à família de seu mundo ouvinte e as famílias compartilharão do mundo surdo com seu filho, sem isolamentos.

Entretanto isto só será possível se as famílias assim que tiverem o diagnóstico da surdez puderem ter acesso à cultura surda, que segundo Strobel (2008)

“É o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de um povo surdo.” (STROBEL, 2008. p. 24).

Assim é necessário conhecer dentro desta cultura a língua de sinais e procurar a comunidade surda¹, para não conviverem com tantas dúvidas levantadas em primeiro momento pelos profissionais da área de audição: fonoaudiólogos, otorrinos.

¹ Comunidade surda segundo Strobel(2008)-“Então entendemos que a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes-membros de família, intérpretes, professores,

Entretanto Strobel (2008) coloca que as famílias não procuram a comunidade surda, que estariam nas associações de surdos, federações de surdos e outros. Preferem procurar as escolas, “porque elas oferecem aos surdos o modelo ouvinte próximo, isto é, “normais”, perante a sociedade ouvintista²” (STROBEL, 2008, p. 26).

Mas isto ocorre justamente por serem os profissionais da área de audição os primeiros a entrarem em contato com esta família em um momento de crise e conforme Lane (1992) estão mal informados sobre a comunidade surda e sua língua, por não fazer parte de sua formação, por isso

“[...] Os próprios surdos seriam participantes cruciais no debate e nos acordos respeitantes às vidas das crianças surdas e dos adultos, e aos papéis dos profissionais que os servem; no entanto têm sido excluídos...O seu conselho, de quem os pais das criança surda recém-nascida necessitam mais do que qualquer outra coisa, é excluído da casa e da clínica.”(LANE, 1992, p. 37).

amigos e outros - que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização”(p.31)

² Ouvintista: “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir da qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”(Skliar,1998,p.15 apud Strobel,2008,p.22)

3 PERSPECTIVAS DO RELACIONAMENTO: Família Ouvinte e Filho Surdo

Atualmente o conceito de família inclui diferentes agrupamentos, a estrutura familiar foi modificando-se com o tempo, os papéis de cada membro sendo redefinidos, garantindo a todos maior participação nas decisões. Nestes novos arranjos também encontramos as famílias ouvintes com filhos surdos.

Durante a realização do Curso de Especialização em Educação Especial: Estudos Surdos, na Faculdade Santa Helena em parceria com o Centro Suvag, foi elaborada uma pesquisa coletiva Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade (2009), com a participação de professores e alunos do referido curso. O objetivo da pesquisa foi conhecer a realidade educacional, social, política e cultural dos surdos da Região Metropolitana e centro do Recife. Construíram-se três questionários para serem aplicados com pais, alunos surdos e professores de Ensino Fundamental (5ª a 8ª série / 6º ao 9º ano) e Ensino Médio.

A estrutura da pesquisa está dividida em quatro eixos centrais, são eles: identidade, história, linguagem e constituição dos sujeitos surdos; vida cotidiana: os surdos em sua vivência social – em família, escolas, trabalho, associações e outros espaços de sociabilidade; língua de sinais e processos de aprendizagem; expectativas de vida e de trabalho.

Os eixos se interligaram em muitos aspectos e as questões selecionadas para este trabalho passam por alguns deles. Foram selecionadas 29 questões para a análise dos dados, referentes à relação de pais ouvintes e seus filhos surdos. Os questionários foram aplicados aos pais e estudantes surdos do Ensino Fundamental e Médio e assim, poder observar através das respostas como esta relação familiar acontece, analisando-se questões referentes à comunicação, cultura e identidades surdas.

Posteriormente será utilizada a comparação das respostas dadas por pais e filhos, para se tentar traçar um perfil desta família, mesmo que momentâneo devido à própria dinâmica familiar, não se engessando a família ouvinte X filhos surdos como um modelo único, pois se estaria incorrendo na questão de se afirmar que todas as famílias ouvintes têm a mesma postura diante dos filhos surdos.

A análise das respostas será apresentada em quadros e gráficos para a ilustração dos resultados da pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade (2009). Também existe a variável de termos 01 pai surdo entrevistado, porém sendo o foco desta pesquisa a relação da família ouvinte com os filhos surdos, dos 43 pais entrevistados, a partir do gráfico III, será apenas evidenciada as respostas dos 42 pais ouvintes.

3.1 A FORMAÇÃO DA ESTRUTURA FAMILIAR

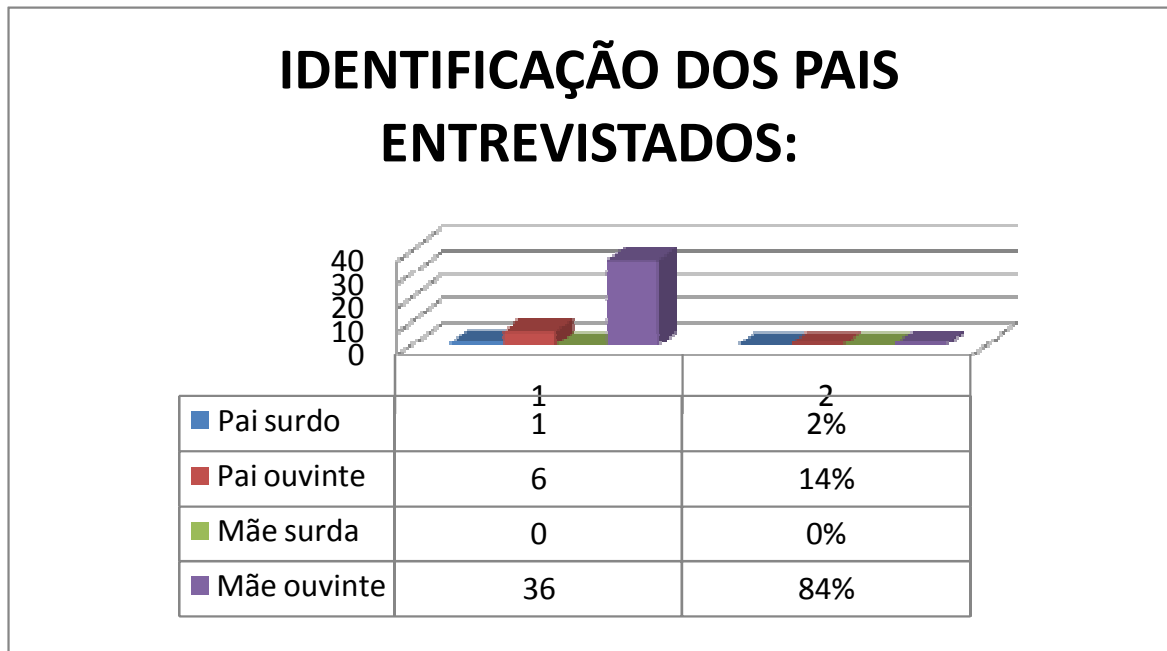
Ao se escrever sobre o surdo e seu relacionamento com a família ouvinte, se faz necessário compreender a formação familiar na qual o surdo está inserido, pois é esta relação que lhe permitirá constituir-se como sujeito e participe da sociedade.

QUADRO I – Identificação dos pais (Pergunta para os pais)

IDENTIFICAÇÃO DOS PAIS ENTREVISTADOS:	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Pai surdo	01	2%
Pai ouvinte	06	14%
Mãe surda	00	0%
Mãe ouvinte	36	84%
Total	43	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO I – Identificação dos pais



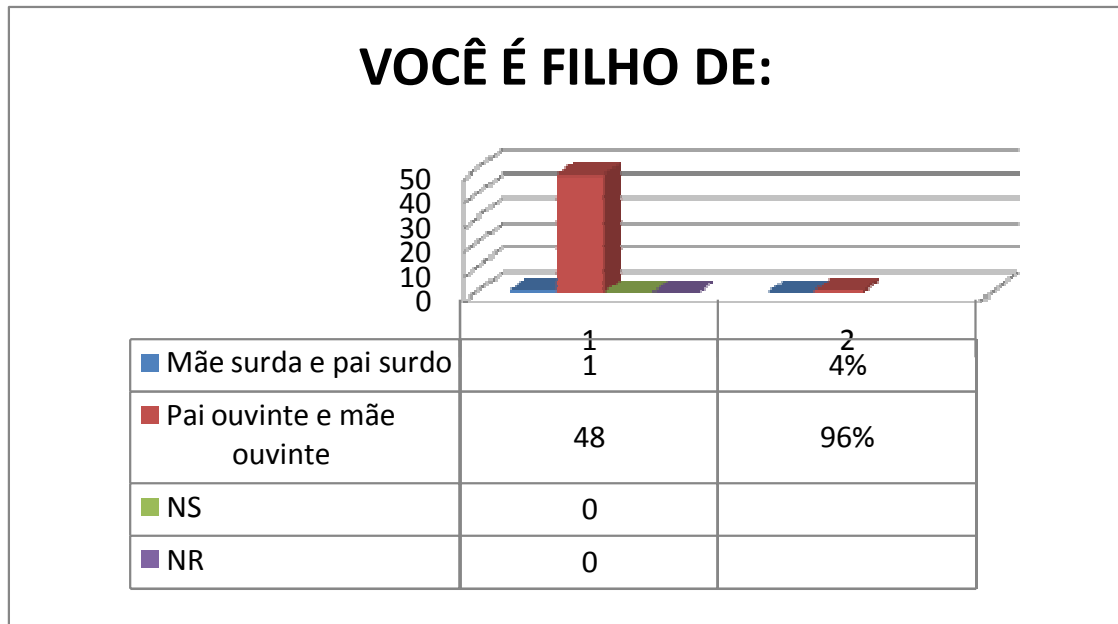
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO II – Identificação dos pais (Pergunta para os alunos surdos)

VOCÊ É FILHO DE:	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Mãe surda e pai surdo	01	4%
Pai ouvinte e mãe ouvinte	48	96%
NS	00	00
NR	00	00
Total	49	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009)

GRÁFICO II – Identificação dos pais



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Os resultados apresentados pela pesquisa confirmam o que Stelling (1999, p. 46) nos diz ao afirmar que 96% das crianças surdas nascem em lares ouvintes. Também se percebe que as mães ouvintes se configuraram como a maioria que compareceram às entrevistas, o que reafirma que a mulher continua sendo o principal membro ao responder pelo cuidado com os filhos.

Os dados acima trazem a necessidade de se pensar como o surdo desenvolve sua identidade dentro de uma família que muitas vezes não consegue compreender a mudança ocorrida, preocupada em esconder a diferença, precisando lidar com o novo, muitas vezes ouvindo opiniões de profissionais que apenas compreendem a surdez como falta, como uma doença, o que induz a busca de tornar os filhos “ouvintes” ou, o mais parecido possível com estes. Negar a diferença é também não aceitar que exista a possibilidade de se estabelecer uma comunicação própria.

3.2 AS DIFICULDADES NA COMUNICAÇÃO

Quando se pensa em comunicação com o outro, toma-se como ponto de referencia o código lingüístico utilizado pelos ouvintes, entretanto quando a questão

refere-se ao surdo, este código é totalmente diferente, pois o surdo usa uma língua gesto-visual. Mas, quando esta língua não é utilizada pela família, a comunicação pode se tornar algo difícil. É o se pode constatar no depoimento de Lúcia Severo (1999):

“Uma coisa que não posso negar, tive muita dificuldade na comunicação apesar de ter facilidade de me comunicar, mas... por exemplo; num jantar de família, numa roda de mesa com meus familiares em volta sempre havia assuntos que eu mesma não conseguia entender, ficava muito perdida. Me incomodava muito. Ficava extremamente chateada. Tive revolta e desanimo, pois pouca coisa me passavam. Naquela época não podia usar a LIBRAS e foi uma pena porque se usássemos minha comunicação com a família seria um presente para mim e não estaria muito perdida e sozinha.” (SEVERO, 1999, p. 48).

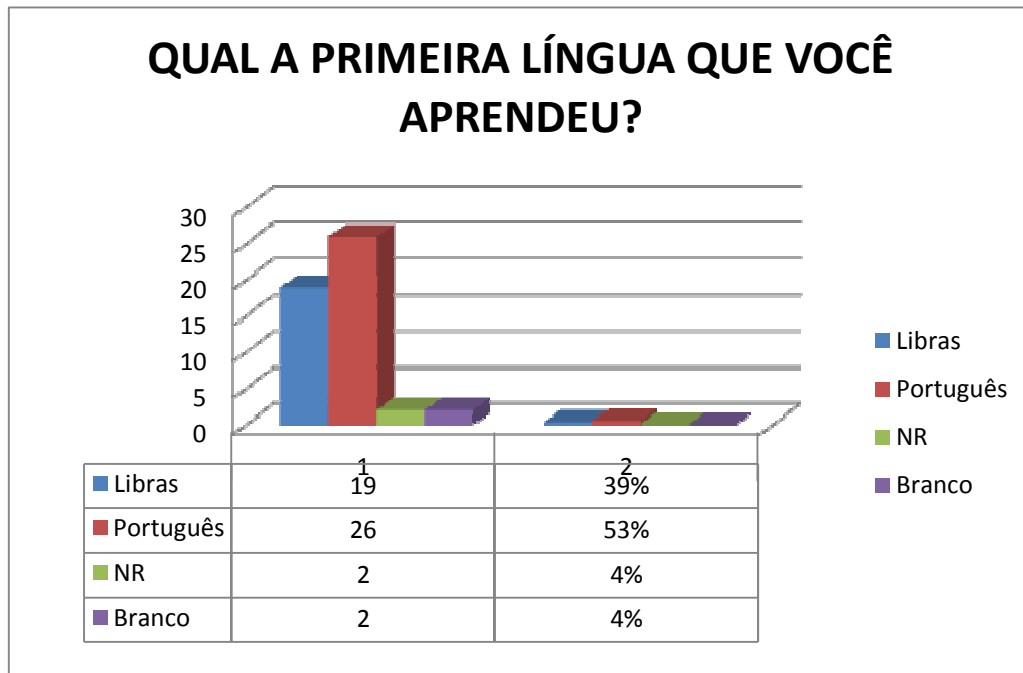
Assim, observa-se esta dificuldade a partir das respostas relacionadas à pergunta – Qual a primeira língua aprendida? – que são motivos de contradições, diante do que pais ouvintes e filhos surdos entendem como sendo a primeira língua aprendida, como a pesquisa aponta.

QUADRO III – Primeira Língua Aprendida (Filhos surdos)

QUAL A PRIMEIRA LÍNGUA QUE VOCÊ APRENDEU?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Libras	19	39%
Português	26	53%
NR	02	4%
Branco	02	4%
Total	49	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO III – Primeira Língua Aprendida



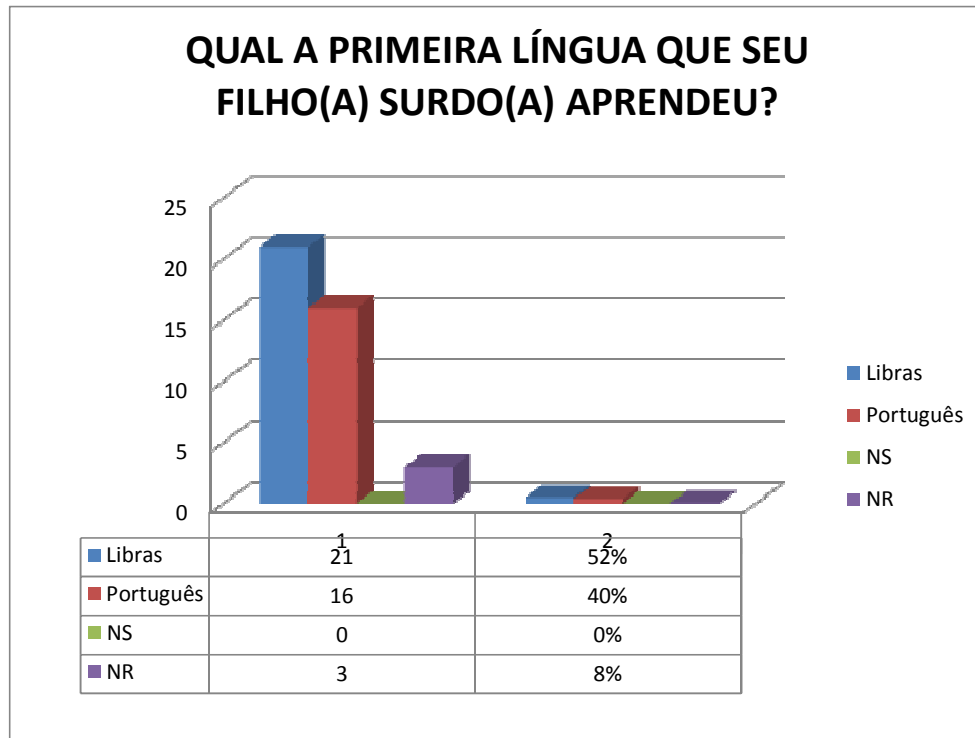
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO IV – Primeira Língua Aprendida (pais ouvintes)

QUAL A PRIMEIRA LÍNGUA QUE SEU FILHO(A) SURDO(A) APRENDEU?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Libras	21	52%
Português	16	40%
NS	00	0%
NR	03	8%
Total	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO IV – Primeira Língua Aprendida



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Nos gráficos acima a questão se apresenta refletida nas respostas, onde 53% dos alunos surdos entrevistados colocam o português como sendo a primeira língua aprendida, enquanto 39% apontam a Libras.

Reconhecer a Libras como sua primeira língua, embora a maioria tenha nascido em uma família ouvinte, talvez possa estar relacionado a dois sentidos: primeiro o de entender que não conseguiram aprender português, portanto não tinham uma língua, e o segundo que começaram a considerar ter uma língua no momento em que puderam comunicar seus desejos, necessidades, pensamentos, sentimentos e compreender o mundo a sua volta.

“Antes de aprender a Língua de Sinais, eu sabia muitas palavras, só que elas não tinham sentido para o uso cotidiano. Sempre perguntando Como é? O que é?, Por que não é? Como você responde?” (SHIRLEY VILHALVA, 2001, p. 29).

Com relação aos pais, quando a pergunta lhes é dirigida, 52% dos entrevistados afirmam ser a Libras a primeira língua dos filhos, enquanto 40% dizem ser o português e 8% não responderam.

Ao se analisar a quantidade de pais que não responderam mais aqueles que indicam o português, percebe-se que para os pais a Libras, surge depois, até pela própria dificuldade da família em ter contato com a língua ou com a comunidade surda, enquanto seu filho não chega à idade escolar.

Quando os pais dizem ser a Libras a primeira língua aprendida por seus filhos, a resposta pode estar relacionada ao mesmo fato anteriormente citado, dos filhos não terem aprendido a falar português.

A falta de uma comunicação efetiva pode-se tornar então, uma dificuldade a mais nesta relação. Se a família ouvinte aprendesse a Língua de Sinais e compreendesse as especificidades da Cultura Surda, ao invés de passar anos na busca da adaptação do sujeito surdo ao mundo ouvinte, permitiria ao filho um desenvolvimento pleno, segundo Sacks (2005), “Um ser humano não é desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém está gravemente restrito no alcance de seus pensamentos, confinado, de fato, a um mundo imediato, pequeno”. (SACKS, 2005, p.52).

Entretanto, para os pais ouvintes isto não é fácil, primeiro pelo total desconhecimento deste universo surdo. Muitos só terão contato com outros sujeitos surdos e a Língua de Sinais quando os filhos entrarem para a escola.

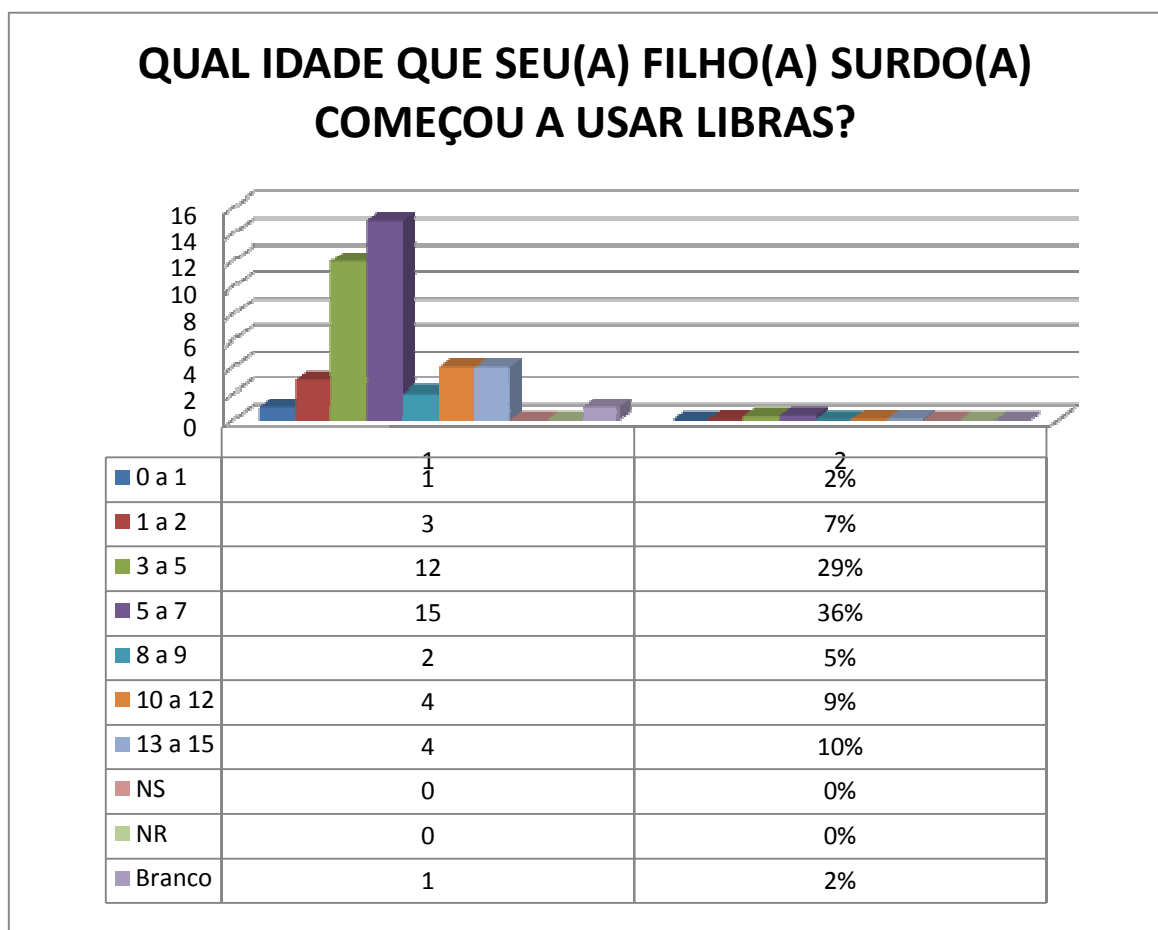
Quando os pais entrevistados (52%) mostram a Libras como a primeira língua aprendida por seus filhos, apresentam uma contradição ao responderem a idade em que eles aprenderam como se pode observar abaixo:

QUADRO V – Idade em que aprendeu Libras
(pais ouvintes)

QUAL IDADE QUE SEU(A) FILHO(A) SURDO(A) COMEÇOU A USAR LIBRAS?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
0 a 1	01	2%
1 a 2	03	7%
3 a 5	12	29%
5 a 7	15	36%
8 a 9	02	5%
10 a 12	04	9%
13 a 15	04	10%
NS	00	0%
NR	00	0%
Branco	01	2%
Total	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO V – Idade em que aprendeu Libras
(pais ouvintes)



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

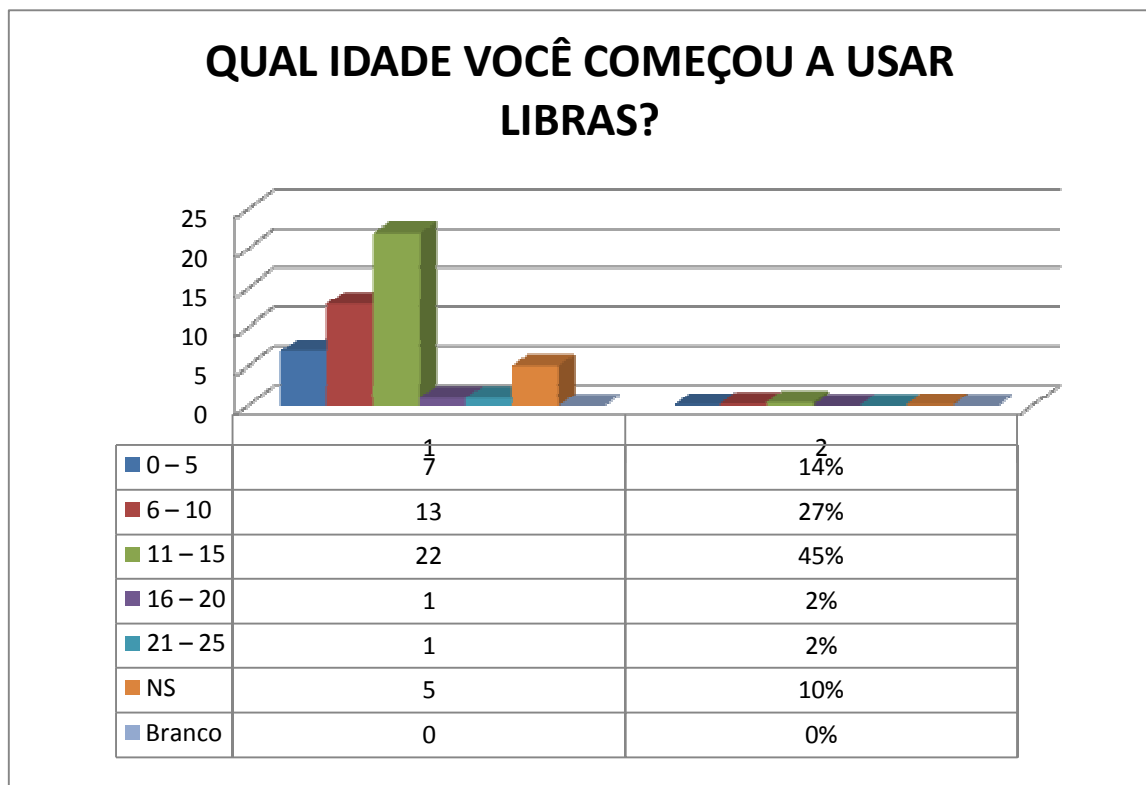
QUADRO VI – Idade em que aprendeu Libras

(Filhos surdos)

QUAL IDADE VOCÊ COMEÇOU A USAR LIBRAS?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
0 – 5	07	14%
6 – 10	13	27%
11 – 15	22	45%
16 – 20	01	2%
21 – 25	01	2%
NS	05	10%
Branco	00	0%
Total	49	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO VI – Idade em que aprendeu Libras



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Os pais (36%) em suas respostas mostram que seus filhos aprenderam Libras entre 5 e 7 anos, mas 45% dos filhos surdos dizem que esta aprendizagem foi bem mais tarde entre os 11 e 15 anos. Logo, ao comparar as respostas percebe-se que quando se aponta a Libras como primeira língua, também se considera que a

mesma é aprendida em uma idade avançada. E que antes de aprendê-la o surdo não tinha uma língua própria e que também não conseguia se apropriar da língua dos pais.

3.3 A LIBRAS E O AMBIENTE FAMILIAR

Entrar em contato com a Libras tardiamente pode comprometer o desenvolvimento da criança surda, pois é com a língua que o indivíduo se constitui, se apropria do mundo ao seu redor, poder trocar conhecimentos, adquirir cultura, normas e valores de sua comunidade, “ou seja a linguagem é fundamental para um desenvolvimento emocional, social, cognitivo e intelectual do indivíduo.” (LUZ, 2003)

Entretanto este contato com uma língua própria, geralmente para o surdo só acontece no período escolar:

QUADRO VII – Primeiro contato dos pais com a Libras (pais ouvintes)

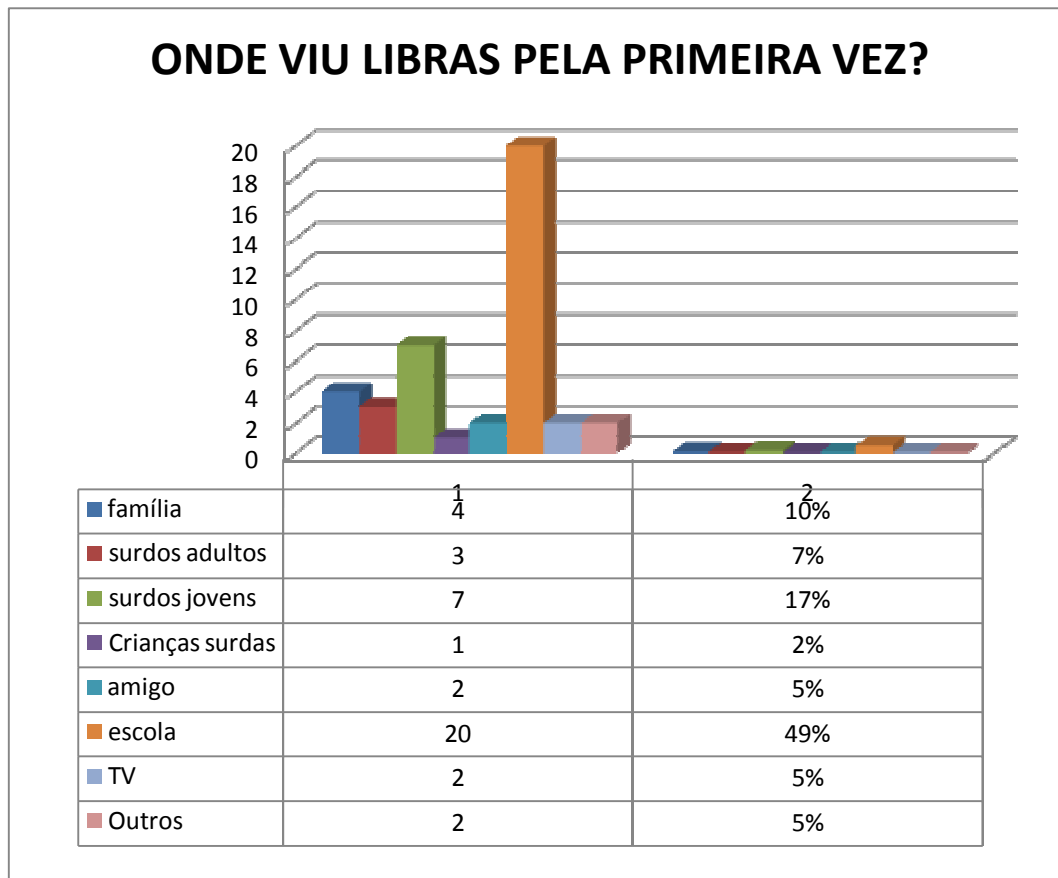
ONDE VIU LIBRAS PELA PRIMEIRA VEZ?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
família	04	10%
surdos adultos	03	7%
surdos jovens	07	17%
crianças surdas	01	2%
amigo	02	5%
escola	20	49%
TV	02	5%
Outros	02	5%
Total	41	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Obs: Um entrevistado respondeu 2 questões. Considerou-se nula a resposta

- **Igreja, NR, NS, não foram citados.**

GRÁFICO VII – Primeiro contato dos pais com a Libras
(pais ouvintes)



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO VIII - Primeiro contato do filho surdo com a Libras
(filhos surdos)

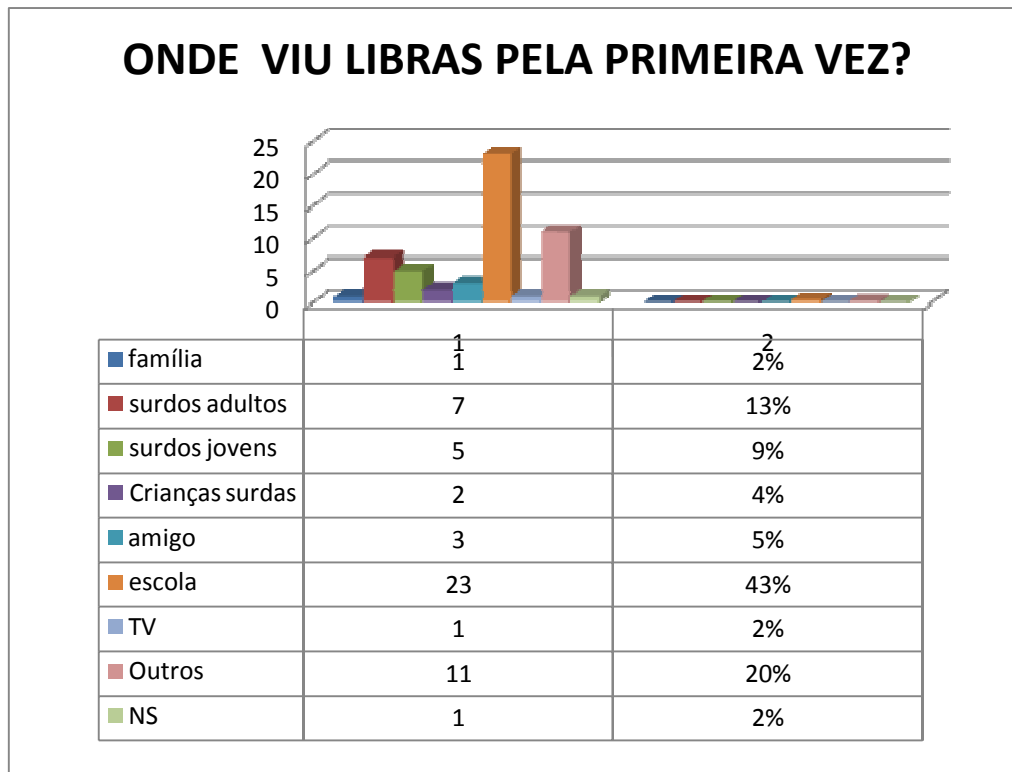
ONDE VIU LIBRAS PELA PRIMEIRA VEZ?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
família	01	2%
surdos adultos	07	13%
surdos jovens	05	9%
Crianças surdas	02	4%
amigo	03	5%
escola	23	43%
TV	01	2%
Outros	11	20%
NS	01	2%
Total	53	

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Obs. Houve mais de uma resposta
Outros: 08 citam nomes de escolas
01 professor ouvinte

01 viu na rua
01 filme

**GRÁFICO VIII – Primeiro contato do filho surdo com a Libras
(filhos surdos)**



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

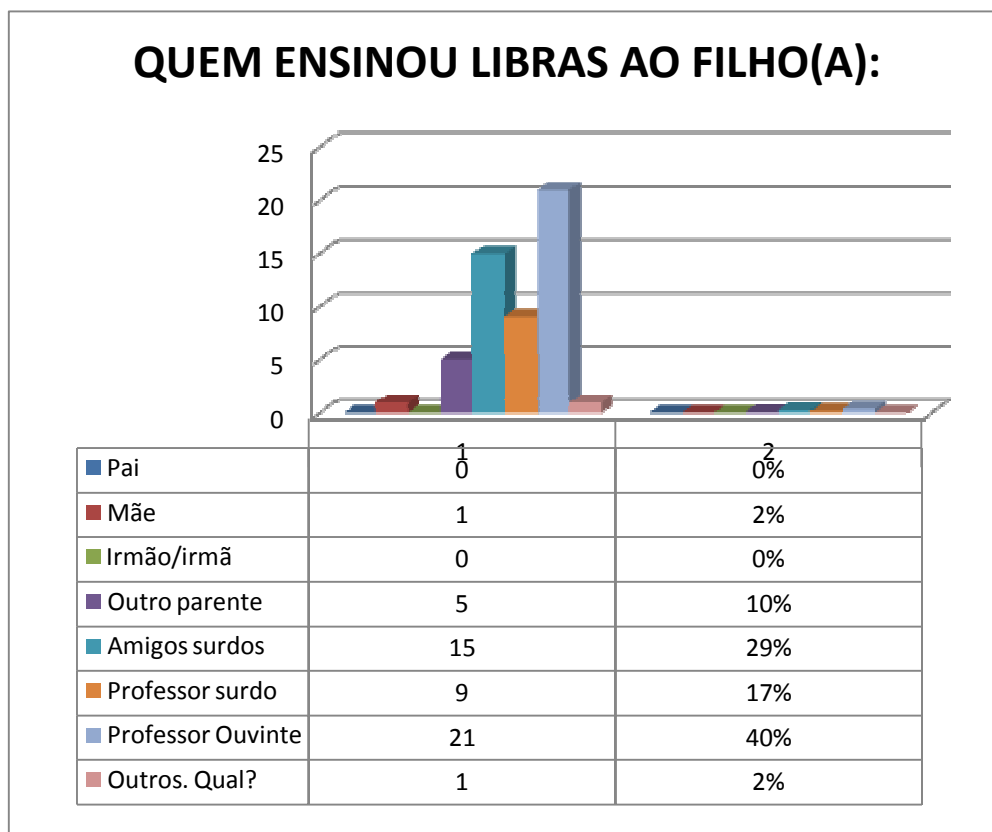
As entrevistas comprovam que os surdos em sua maioria aprendem sua língua quando vão à escola e, em uma idade avançada. 43% dos surdos apontam ter visto Libras pela primeira vez na escola. O que também corresponde às respostas dos pais (49%) que respondem ter visto Libras pela primeira vez quando seus filhos entram na escola, isto reforça o quanto é necessário se repensar a questão da surdez – quanto mais cedo se permitir a criança o contato com sua língua natural, mais efetivo será o seu desenvolvimento. Segundo Church (1961), “[...] O aprendizado da língua transforma o indivíduo de tal modo que ele é capaz de fazer coisas novas para si mesmo ou coisas antigas de maneiras novas”. (CHURCH apud Sacks, 2005, p. 56).

QUADRO IX – Quem ensinou Libras
(pais ouvintes)
Pode-se marcar mais de uma questão

QUEM ENSINOU LIBRAS AO FILHO(A):	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Pai	00	0%
Mãe	01	2%
Irmão/irmã	00	0%
Outro parente	05	10%
Amigos surdos	15	29%
Professor surdo	09	17%
Professor Ouvinte	21	40%
Outros. Qual?	01	2%
Total	52	

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO IX – Quem ensinou Libras



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais – Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO X - Quem ensinou Libras

(surdos)

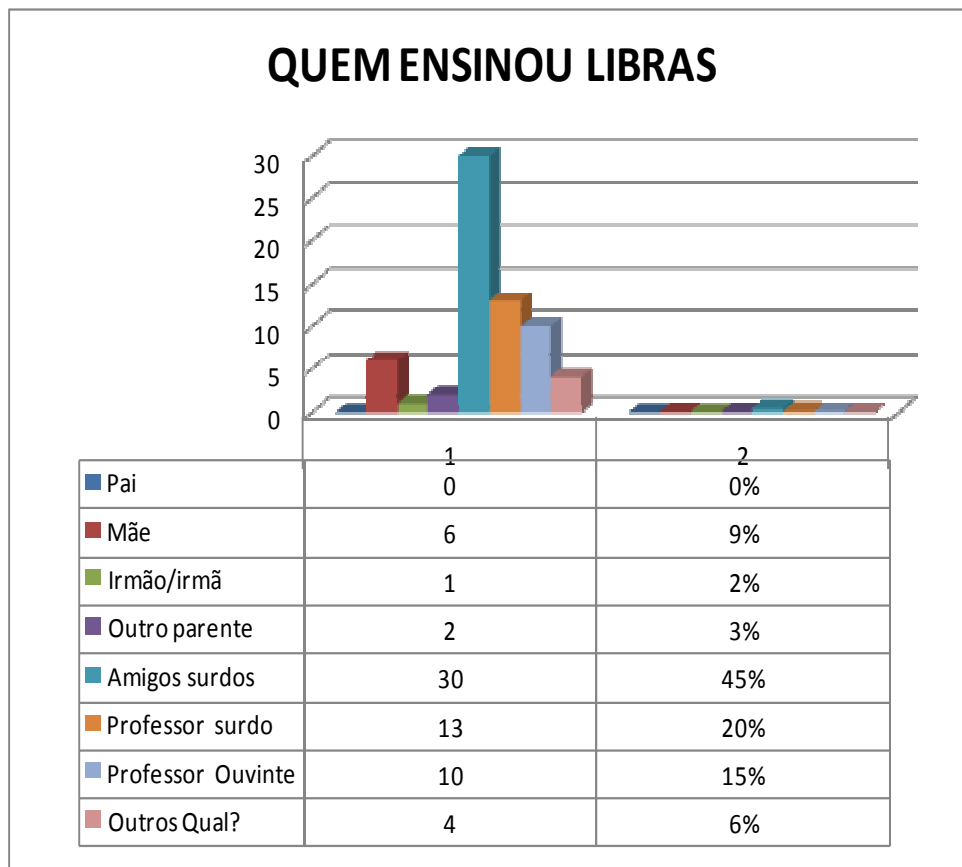
Pode-se marcar mais de uma questão

QUEM ENSINOU LIBRAS	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Pai	00	0%
Mãe	06	2%
Irmão/irmã	01	0%
Outro parente	02	10%
Amigos surdos	30	29%
Professor surdo	13	17%
Professor Ouvinte	10	40%
Outros Qual?	04	2%
Total	66	

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Outros: amigo ouvinte intérprete: 01**Amigo ouvinte: 01****Professor: 01****GRÁFICO X – Quem ensinou Libras**

(surdos)



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

As respostas mostram que ao entrar na escola, o aluno surdo conhece a Língua de Sinais a partir de seus pares, com o professor surdo e/ou com o professor ouvinte. Enquanto os pais respondem (40%) serem os professores ouvintes que ensinaram Libras a seus filhos. As respostas dos estudantes surdos contradizem o que foi dito pelos pais, ao indicarem que aprendem primeiro a Libras com seus amigos surdos (45%), depois com professores surdos (20%), que devem ser instrutores de Libras, por não haver em nossas escolas públicas o professor surdo, apenas no Centro Suvag - e com (15%) os professores ouvintes. Assim, não é o professor ouvinte quem ensina a Libras ao surdo, pois poucos são fluentes na Língua de Sinais e muitos apenas usam a Libras para auxiliar o ensino do português escrito. Desconhecem também a cultura surda, não buscam a ajuda da comunidade surda para se utilizar de uma pedagogia apropriada, apenas adaptando o currículo ouvinte para os alunos surdos, ignorando suas especificidades.

A família pouco é citada, 14% entre pais, irmãos e outros parentes, assim pode-se perceber que na maioria das vezes não será na família que o surdo irá aprender sua língua, nem tampouco em uma idade propícia, como ocorre com o ouvinte, também não será esta família ouvinte que permitirá a constituição de sua identidade, pois de acordo com Perlin (1998):

A constituição da identidade dependerá, entre outras coisas, de como o sujeito é interpelado pelo meio em que vive. Um surdo que vive junto a ouvintes que consideram a surdez uma deficiência que deve ser tratada pode constituir uma identidade referendada nesta ótica. Mas um surdo que vive dentro de sua comunidade possui outras narrativas para contar a sua diferença e constituir sua identidade. A identidade nos meios culturais sempre foi afetada por um ou outro poder de controle em tempos e espaços determinados. (PERLIN, 1998, p. 21).

Na escola, fica evidente que o professor surdo é essencial para as crianças surdas que entram em contato com sua língua e sua cultura tardiamente, como é imprescindível para família que a partir do momento que descobrem a surdez possam conhecer a comunidade surda e ver que seu filho tem uma cultura, tem uma língua, um modo próprio de estar e pertencer ao mundo, que poderá interagir e se desenvolver, tendo um futuro.

3.4 O USO DA LIBRAS NO CONTEXTO FAMILIAR

Não se pode negar que, apesar das dificuldades, existe uma comunicação dentro da família ouvinte com seus filhos surdos, pois se criam formas de se fazer entender. Quando questionados como se comunicavam com os seus filhos, as respostas que mais se destacaram: gestos, mímicas, linguagem própria e a mistura de português com sinais.

QUADRO XI – Formas de comunicação

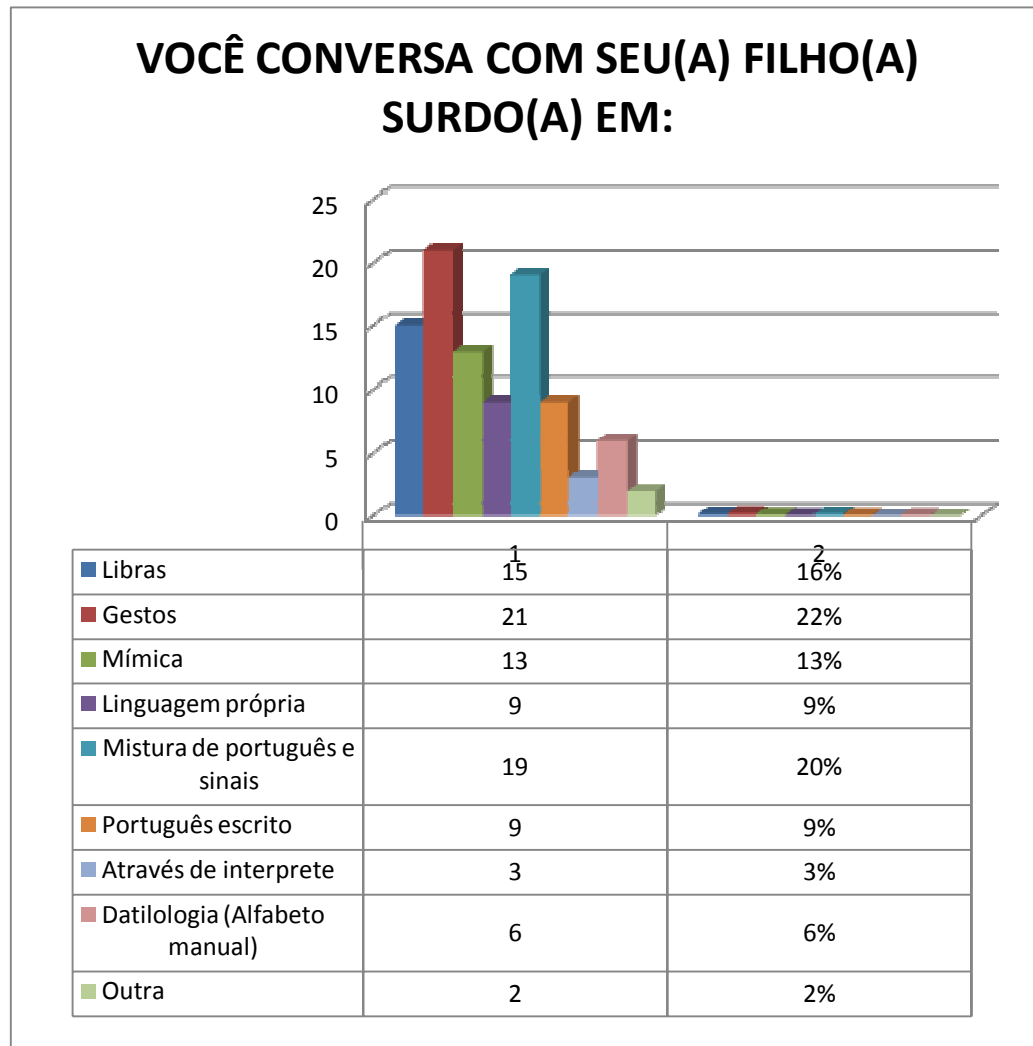
(pais ouvintes)

Pode-se marcar mais de uma resposta

VOCÊ CONVERSA COM SEU(A) FILHO(A) SURDO(A) EM:	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Libras	15	16%
Gestos	21	22%
Mímica	13	13%
Linguagem própria	09	9%
Mistura de português e sinais	19	20%
Português escrito	09	9%
Através de interprete	03	3%
Datilologia (Alfabeto manual)	06	6%
Outra	02	2%
Total	97	

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XI – Formas de comunicação



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Apesar de esta comunicação existir, muitos pais quando descobrem terem um filho surdo, muitas vezes param de falar com ele. Como se não houvesse muito sentido para eles manterem um diálogo, pois se os filhos não escutam o que adiantaria fazer o que fazem os pais com crianças ouvintes - cantar canções de ninar, conversar na hora do banho, de dormir, contar histórias, etc. - A partir de então, geralmente toda comunicação gira em torno de suprir necessidades básicas, tais como: alimentação, vestuário, limites, doença etc. O que pode ser corroborado pelos seguintes depoimentos:

“Minha mãe conta que não sabia o que fazer comigo. Olhava incapaz de inventar uma ligação entre nós [...]. Não me dizia nada. Pensava: não posso dizer que a amo porque ela não me escuta.” (LABORIT, 1994, p. 14).

“A comunicação mais comum se faz quando ela pede para comprar algum produto, como sabonete, creme, etc.” (OLIVEIRA, SANTOS E SILVA, 2002, p. 67).

Uma comunicação mais efetiva, com significado os surdos realizam com seus pares, quando entram em contato com a Libras. Em uma família onde todos são ouvintes, as crianças ou os jovens naturalmente participam das conversas, se não estão diretamente ligados ao assunto abordado, estão por perto absorvendo os diversos diálogos, obtendo as informações mesmo que não diretamente.

Quando os filhos surdos ficam mais velhos, uma conversa mais significativa muitas vezes é interrompida pela impaciência de um dos lados, ou o surdo se cansa da família não dominar a língua, isto quando já possui uma, ou mesmo de não conseguir se fazer entender; ou a família é quem se cansa pela dificuldade de comunicação. Pode-se observar, como ilustração, dois depoimentos, um de Lúcia Severo (1999):

Quando há Natal ou aniversário ou reuniões de família, não fico muito a vontade, pois na maioria das vezes me sinto muito sozinha o que me deprime muito. Infelizmente às vezes, percebo que a família não tem paciência em dialogar comigo. Falam rápido. Às vezes demoram para me passar um assunto que pode ser também do meu interesse. Fico vendo a expressão facial e vejo que tem coisas que precisaria saber. Vivo perguntando, vivo querendo saber. Não é “por querer que seja a minha vontade” (como muitos pais dizem) é o meu direito de saber de participar junto com a família. (SEVERO, 1999, p. 49).

E o outro de uma mãe entrevistada durante a Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009):

“Ele que saber de tudo, não tem necessidade, às vezes estamos conversando assuntos que ele não precisa saber, mas quer saber de tudo[...].” (diálogo anotado no diário de campo, que foi realizado durante as entrevistas da referida pesquisa).

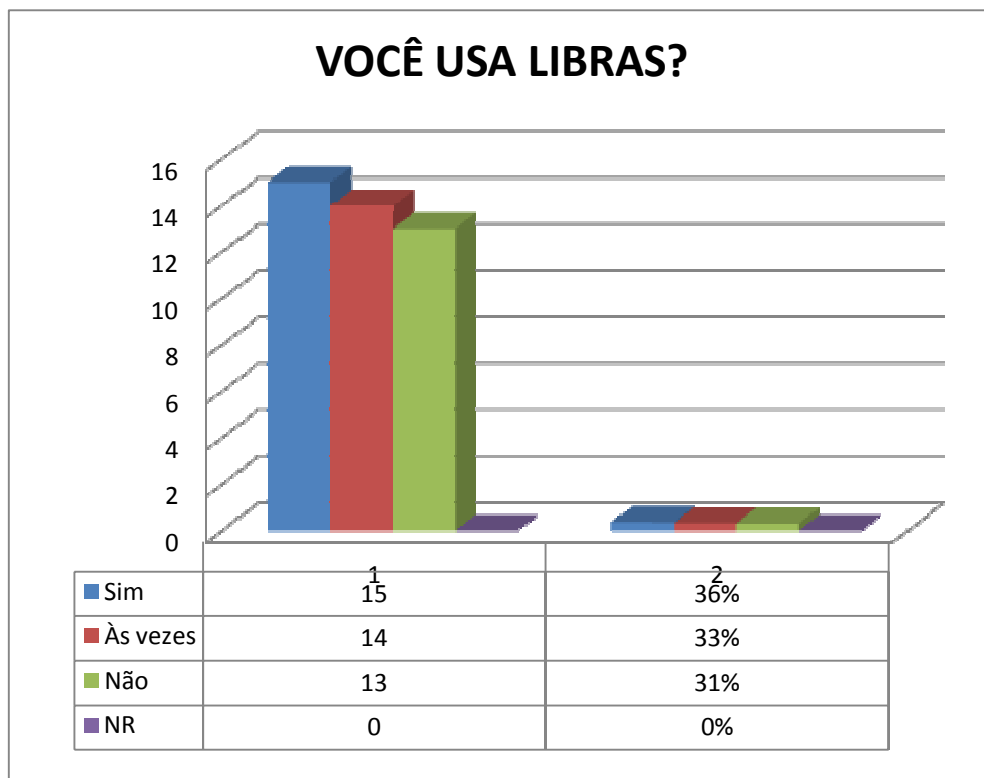
Os depoimentos revelam esta angústia de não se conseguir uma comunicação mais significativa com esta família, de participar, de sentir-se como um membro integrante deste grupo, tomar decisões, ser questionado sobre assuntos importantes, participar das conversas banais, sendo comunicado depois do que está acontecendo.

QUADRO XII – Uso da Libras
(pais ouvintes)

VOCÊ USA LIBRAS?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Sim	15	36%
Às vezes	14	33%
Não	13	31%
NR	00	0%
Total	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XII – Uso da Libras
(pais ouvintes)



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Os pais reconhecem que existe uma língua para seus filhos, pois 36% dizem usar Libras, 31% indicam que não usam e 33% às vezes. Embora ainda não tenham domínio, pois mesmo os que dizem usar, conhecem alguns sinais que geralmente estão associados a gestos, mímicas, como citado anteriormente.

Quando se volta ao quadro e gráfico VIII e IX, percebe-se que se os pais falassem Libras como dizem, seria na família o primeiro contato deste filho com a referida língua, entretanto não é assim que acontece. Pode-se observar no depoimento de Lúcia Severo (1999) está a questão:

O que gostaria de falar neste momento que seria um belo presente e que seria a mais bela felicidade se nos dessem um presente chamado 'COMUNICAÇÃO'. Tenho amor, carinho da família o que não me falta, mas gostaria que fosse um presentão se minha família se comunicasse melhor e usasse a língua de sinais. (SEVERO, 1999, p. 49).

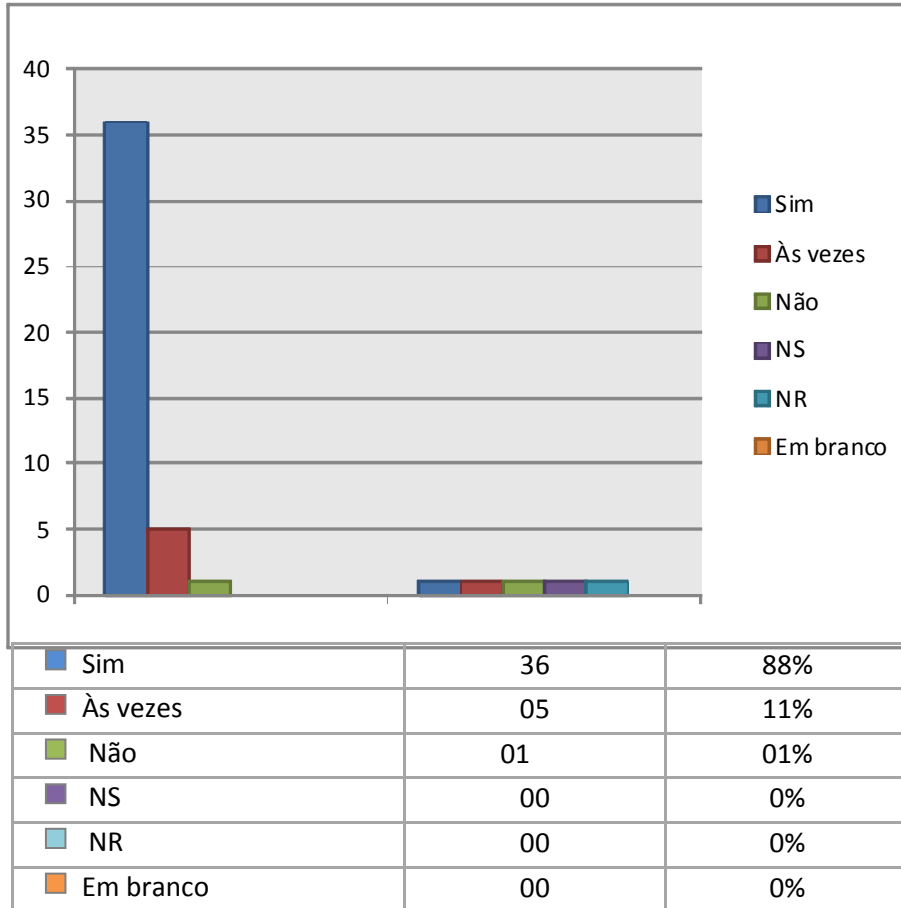
Apesar dos pais demonstrarem conhecer a Libras, mesmo sem utilizá-la, procuram estimular seu filho a falar português, como se constata no quadro e gráfico a seguir:

QUADRO XIII – Estímulo a falar português
(pais ouvintes)

VOCÊ ESTIMULOU SEU FILHO A FALAR PORTUGUÊS?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Sim	36	88%
Às vezes	05	11%
Não	01	01%
NS	00	0%
NR	00	0%
Em branco	00	0%
Total	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

**GRÁFICO XIII – Estímulo a falar português
(pais ouvintes)**



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Demonstra então, a necessidade dos pais de aproximarem este filho do seu mundo, pois querem resgatar uma identidade, algo em comum. Como neste exemplo: “Tentou botar prótese na esperança que ele escutasse, mas não adiantou. A avó e outras pessoas da família ficavam se perguntando por que ele nasceu assim”. (depoimento de uma mãe entrevistada na pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade, 2009).

3.5 RELACIONAMENTO DA FAMÍLIA OUVINTE COM OS FILHOS SURDOS

Nos depoimentos a questão de como reagiram diante do diagnóstico colocam toda esta angústia vivenciada. **Como você reagiu quando soube que seu(a) filho(a) era surdo(a)?**

QUADRO XIV – Reação ante a surdez do filho

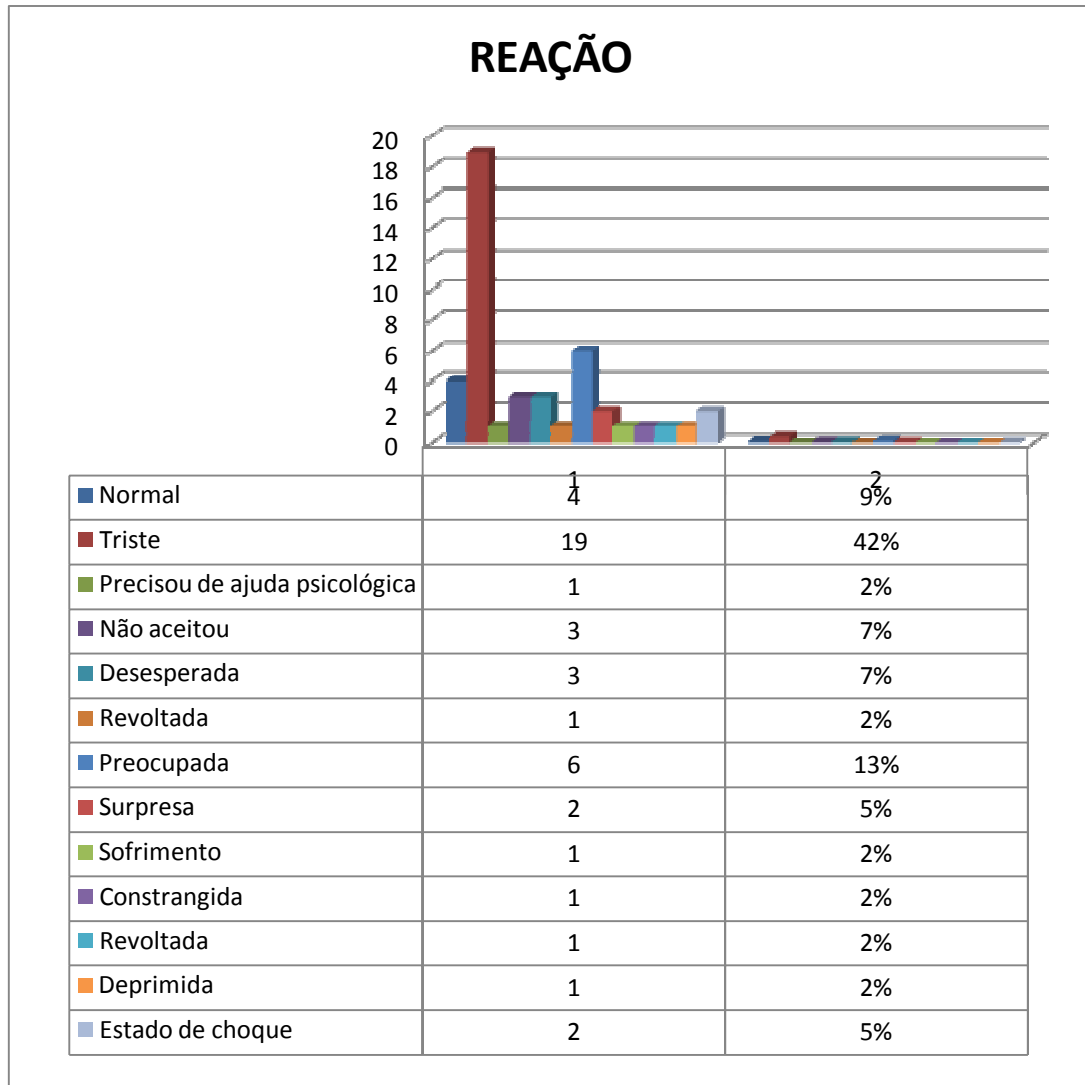
(pais ouvintes)

Pergunta aberta

REAÇÃO	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Normal	04	9%
Triste	19	42%
Precisou de ajuda psicológica	01	2%
Não aceitou	03	7%
Desesperada	03	7%
Revoltada	01	2%
Preocupada	06	13%
Surpresa	02	5%
Sufrimento	01	2%
Constrangida	01	2%
Revoltada	01	2%
Deprimida	01	2%
Estado de choque	02	5%
TOTAL	45	

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XIV – Reação ante a surdez do filho
 (pais ouvintes)
Pergunta aberta



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

As famílias estão sempre em busca de explicações para surdez, por conta da visão que tem do filho “deficiente” - visto como “doente” - que precisa de atenção especial. Tentam encontrar uma justificativa, o que aconteceu de errado, “saber de quem é a culpa”.

Alguns alegam que reagiram de maneira normal, mas muitas vezes esta idéia que está “tudo bem” tem a ver com a negação da realidade. Sempre quer se achar um acontecimento, um fato, muitas vezes carregado de culpa, para tentar se

entender o que saiu “errado”, o que trouxe para aquela casa um filho diferente, que não se assemelha àquele grupo.

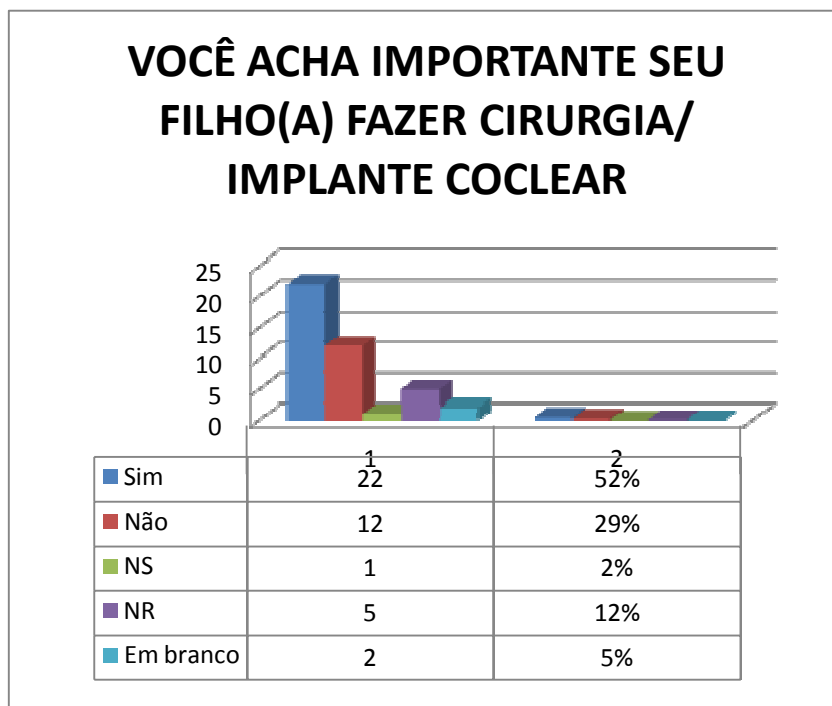
Então a partir do diagnóstico esta família, procura tornar o filho surdo alguém mais próximo do grupo familiar do qual faz parte. Quer que fale o melhor possível, que compreenda bem a leitura labial para se integrar ao mundo ouvinte. Que até possam ouvir. Como se visualiza no quadro e gráfico abaixo.

QUADRO XV – Implante coclear
(pais ouvintes)

VOCÊ ACHA IMPORTANTE SEU FILHO(A) FAZER CIRURGIA/ COCLEAR	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Sim	22	52%
Não	12	29%
NS	01	2%
NR	05	12%
Em branco	02	5%
Total	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009)

GRÁFICO XV - Implante coclear



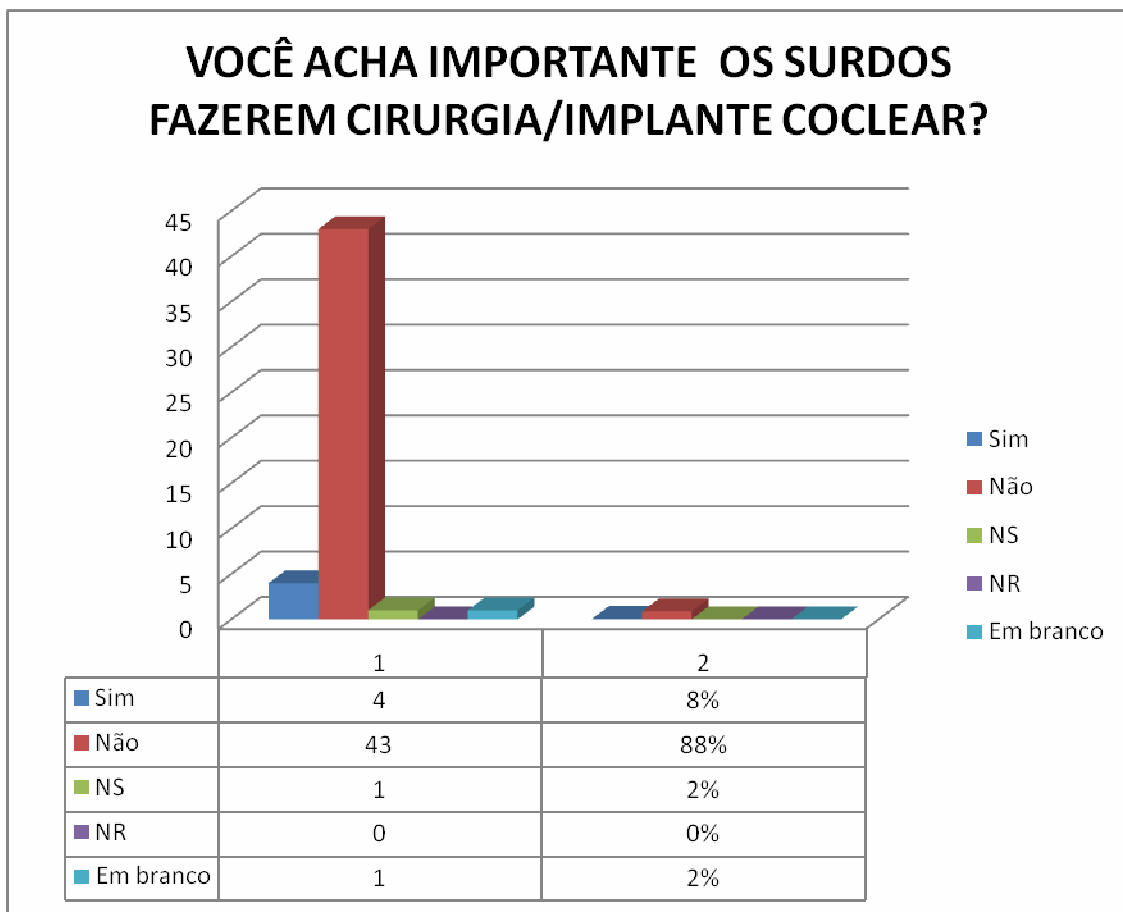
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009)

QUADRO XVI - Implante coclear
(surdos)

VOCÊ ACHA IMPORTANTE OS SURDOS FAZEREM CIRURGIA/IMPLANTE COCLEAR?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Sim	04	8%
Não	43	88%
NS	01	2%
NR	00	0%
Em branco	01	2%
Total	49	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009)

GRÁFICO XVI - Implante coclear
(surdos)



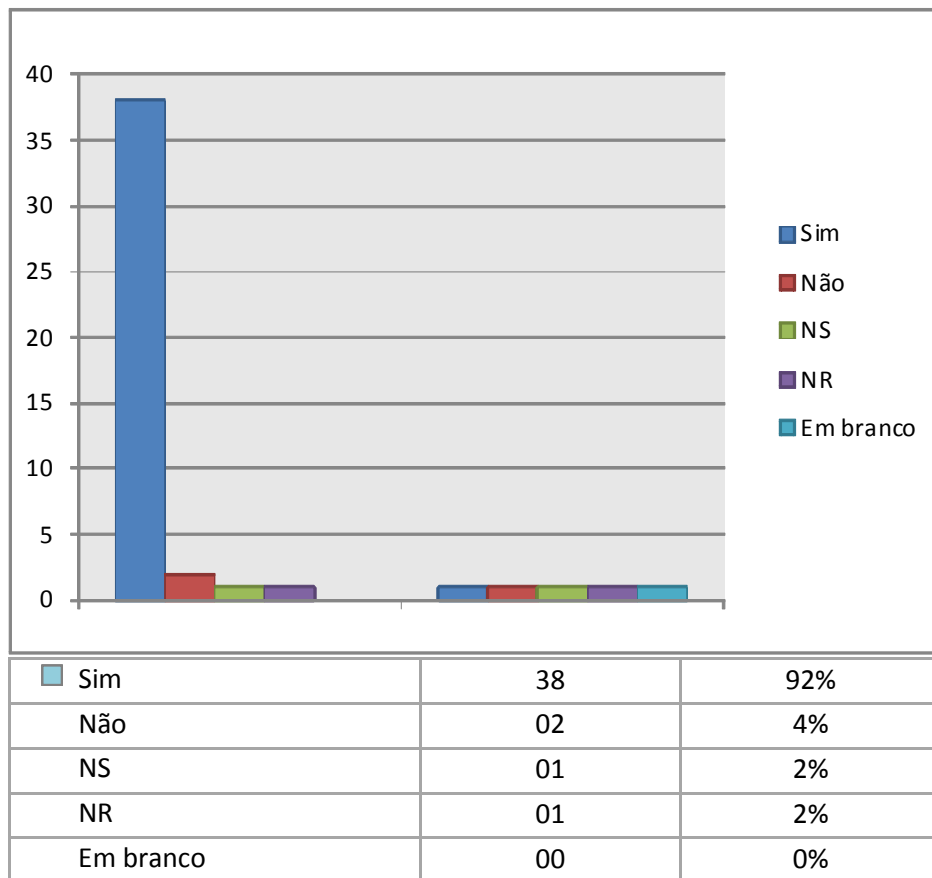
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO XVII – Surdo que quer ser ouvinte
(pais ouvintes)

VOCÊ ACHA QUE TEM SURDO(A) QUE QUER SER OUVINTE?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Sim	38	92%
Não	02	04%
NS	01	02%
NR	01	02%
Em branco	00	0%
Total	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XVII – Surdo que quer ser ouvinte
(pais ouvintes)



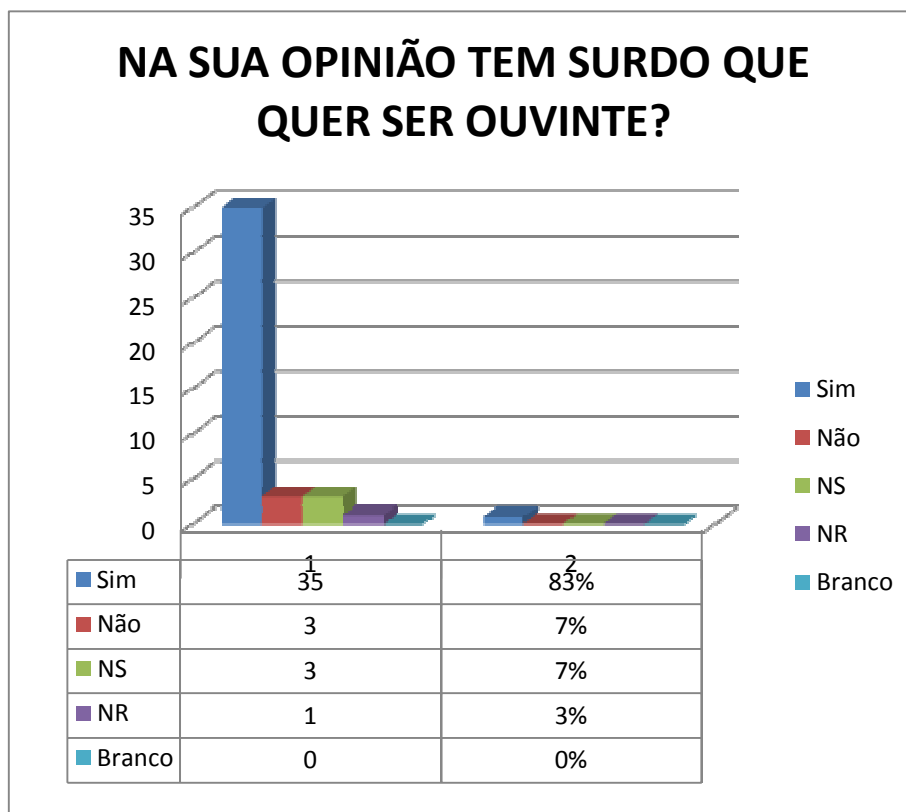
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO XVIII- Condição de ser surdo (surdos)

NA SUA OPINIÃO TEM SURDO QUE QUER SER OUVINTE?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Sim	35	83%
Não	03	7%
NS	03	7%
NR	01	3%
Branco	00	0%
Total	49	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2008).

GRÁFICO XVIII- Condição de ser surdo



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2008).

Encontram-se 52% de pais afirmando ser importante para seu filho fazer a cirurgia de implante coclear. Também é a maioria dos pais 83% que acreditam que existam surdos que gostariam de ser ouvintes, apesar de responderem em outra questão que consideram seus filhos surdos felizes (84%).

Os surdos se contrapõem ao implante coclear 88%, não acham importante fazer a cirurgia. Apesar de também concordarem que existam surdos que querem ser ouvintes. Pode-se pensar que os surdos estudantes conheçam surdos que expressem este desejo de ser ouvinte, devido à “cultura ouvintista”, tão forte e propagada por tantos anos. A maioria cresceu longe de seus pares, de sua língua e cultura, nasceram em lares ouvintes, percebem-se distantes de suas famílias e sabem do desejo de seus pais que fossem iguais aos demais membros da família. Talvez a resposta dada pelos estudantes surdos – quadro e gráfico XVIII – tenha a influência desse desejo da família. Porque eles dizem – quadro e gráfico XVI – não ser importante o implante coclear, ou seja, querem ser surdos.

QUADRO XIX– Quem é o surdo

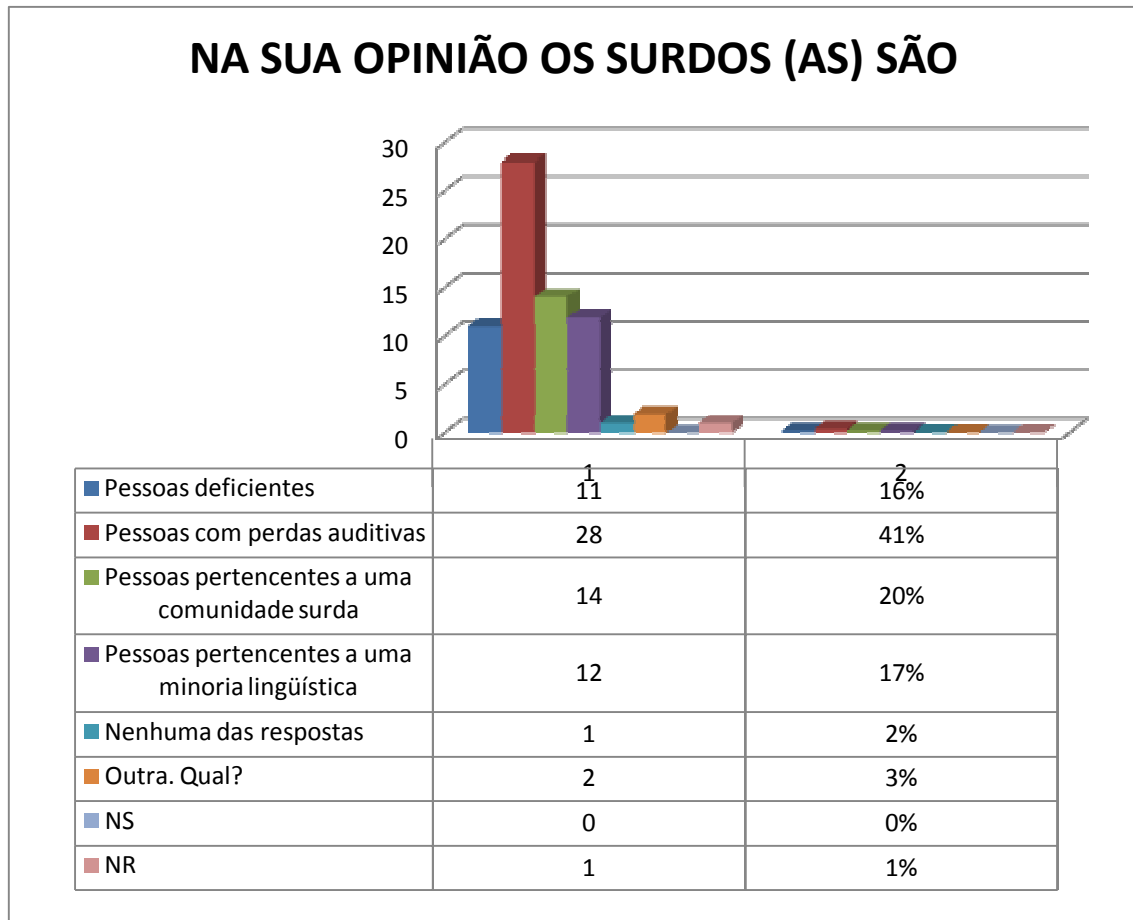
(pais ouvintes)

Pode-se marcar mais de uma resposta

NA SUA OPINIÃO OS SURDOS (AS) SÃO	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Pessoas deficientes	11	16%
Pessoas com perdas auditivas	28	41%
Pessoas pertencentes a uma comunidade surda	14	20%
Pessoas pertencentes a uma minoria lingüística	12	17%
Nenhuma das respostas	01	2%
Outra. Qual?	02	3%
NS	00	0%
NR	01	1%
Total	69	

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XIX– Quem é o surdo



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

A maneira como os pais ouvintes vêem seus filhos surdos, irá influenciar diretamente no investimento que farão em relação ao seu desenvolvimento, pois:

[...]acredita-se que o desenvolvimento de um ser somente é possível a partir da interação com o mundo e com as pessoas. Será o olhar deste 'outro' que constituirá o 'eu'. Mais do que isso será a qualidade deste olhar que exercerá uma influência mais positiva ou mais negativa na constituição deste indivíduo. (LUZ, 2003)

Assim, vemos que 41% continuam a ver seus filhos surdos como alguém que não pode ouvir, mas podemos perceber um avanço ao analisar que 17% e 20% os vêem como pertencentes a uma comunidade e tendo uma língua que os caracteriza. Apesar de 16% ainda os considerarem deficientes, é possível perceber uma melhora neste perfil, mesmo que conflituosa, em alguns momentos os pais tentam se apropriar desta nova forma de ver seus filhos, em outros tomam atitudes em que demonstram o seu desejo de torná-los mais próximos. O que importa é a certeza

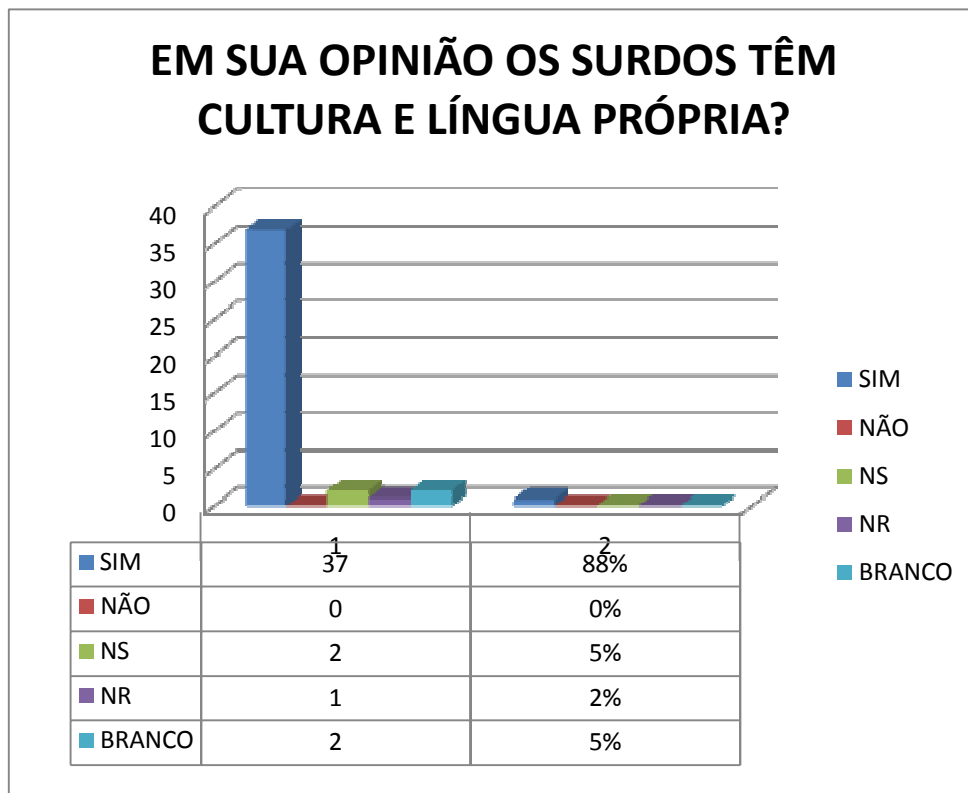
que diante das dúvidas muito já se avançou, embora muito ainda tenhamos que avançar.

QUADRO XX – Cultura e língua
(pais ouvintes)

EM SUA OPINIÃO OS SURDOS TÊM CULTURA E LÍNGUA PRÓPRIA?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
SIM	37	88%
NÃO	00	0%
NS	02	5%
NR	01	2%
BRANCO	02	5%
TOTAL	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XX – Cultura e língua



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Apesar de 88% considerarem que o surdo tem cultura e língua própria, o português continua sendo a primeira língua com que tem contato, conforme quadro

e gráficos anteriores. O que pode demonstrar o interesse da família para que o filho aprenda português (quadro e gráfico XII) ou possa voltar a ouvir (quadro e gráfico XIV), para que então possa parecer com os membros da família. É difícil para eles perceberem que um membro da família não pertence de alguma forma àquele grupo, há algo diferente - se aprender a falar será melhor, mais fácil de conviver, de se ver naquele membro representado.

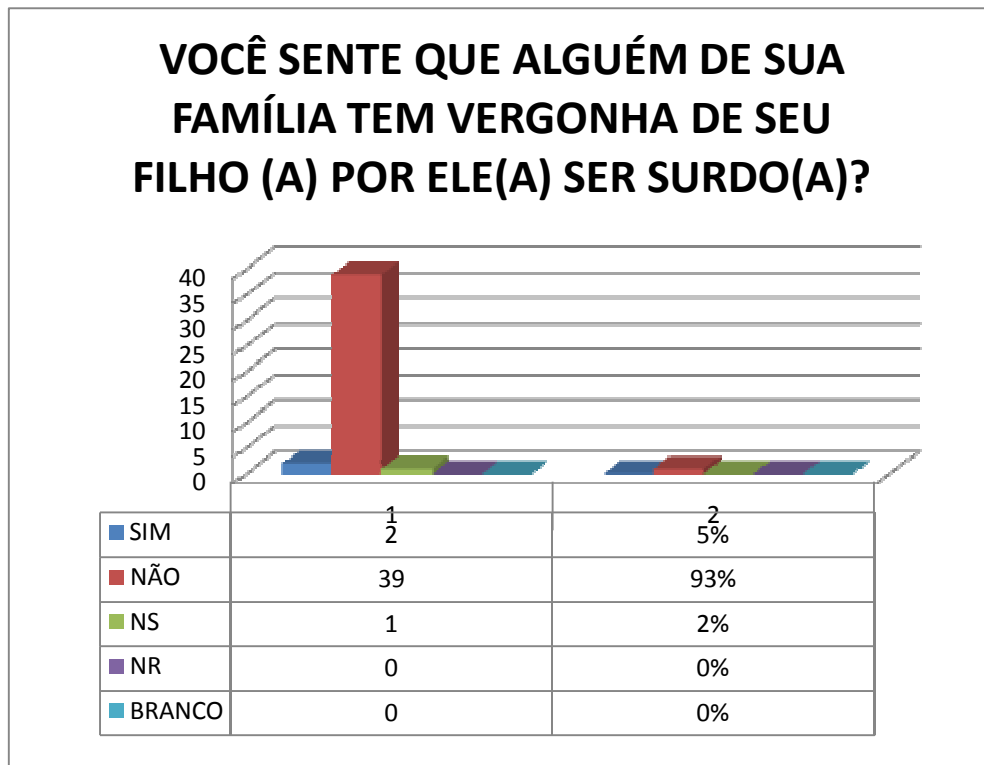
Outra contradição está representada no momento em que se questiona como os familiares se sentem quanto à surdez:

QUADRO XXI – Vergonha do filho surdo pela família
(pais ouvintes)

VOCÊ SENTE QUE ALGUÉM DE SUA FAMÍLIA TEM VERGONHA DE SEU FILHO (A) POR ELE(A) SER SURDO(A)?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
SIM	02	5%
NÃO	39	93%
NS	01	2%
NR	00	0%
BRANCO	00	0%
TOTAL	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XXI – Vergonha do filho surdo pela família
(pais ouvintes)



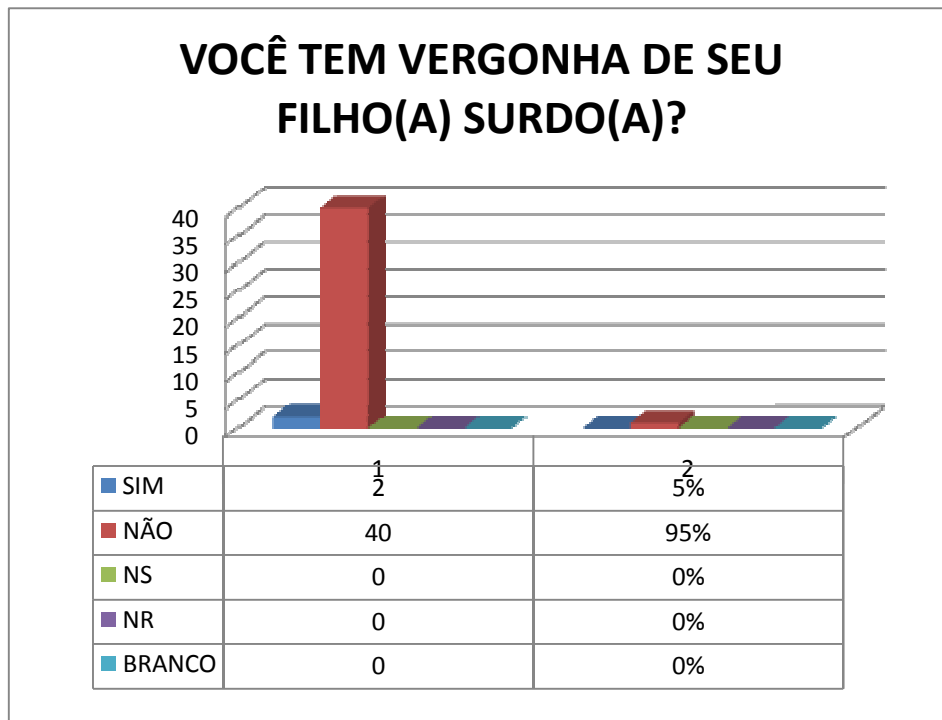
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade(2009) .

QUADRO XXII – Vergonha do filho surdo pelos pais
(pais ouvintes)

VOCÊ TEM VERGONHA DE SEU FILHO(A) SURDO(A)?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
SIM	02	5%
NÃO	40	95%
NS	00	0%
NR	00	0%
BRANCO	00	0%
TOTAL	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XXII – Vergonha do filho surdo pelos pais
(pais ouvintes)



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO XXIII – Dificuldade
(pais ouvintes)

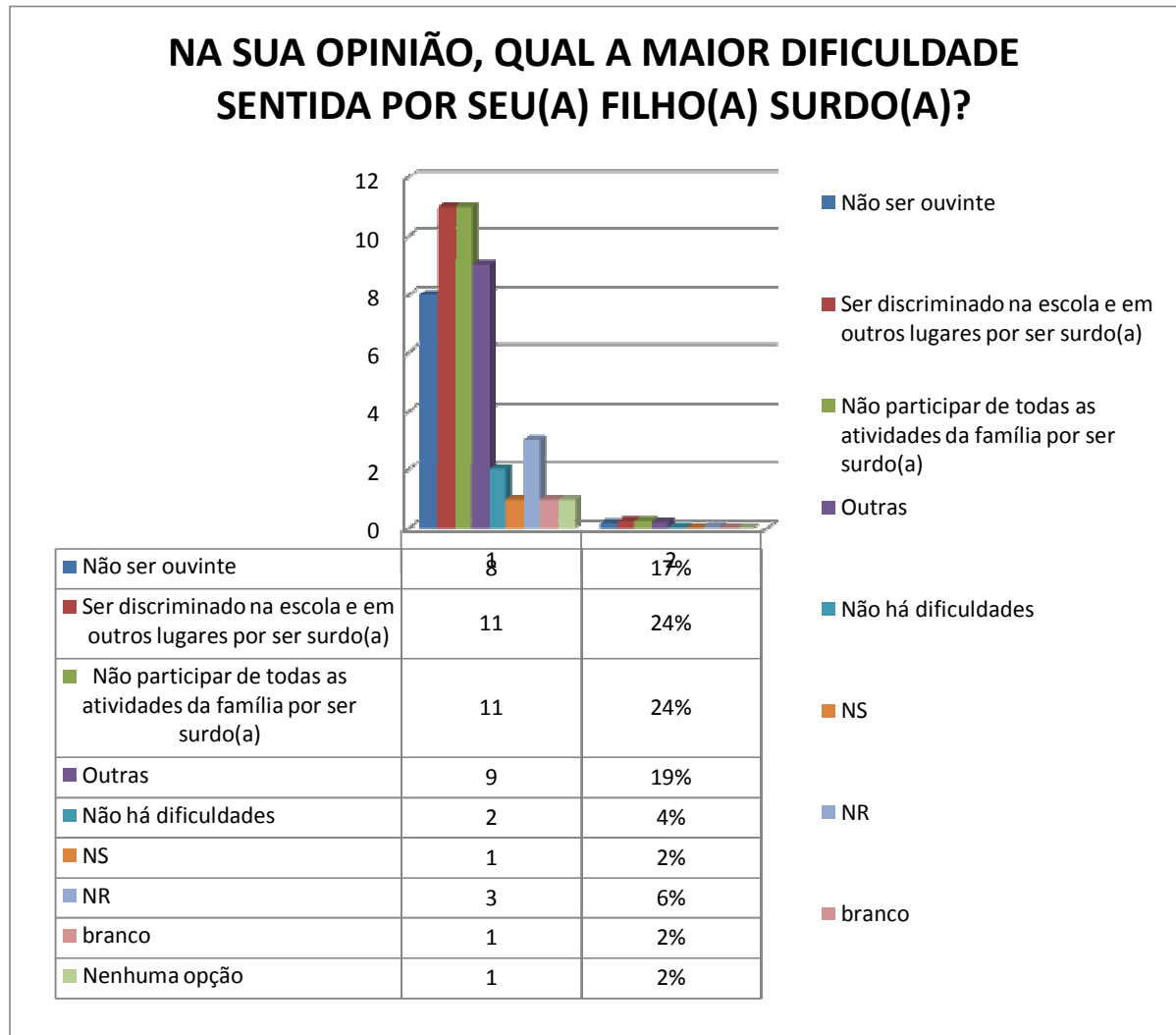
NA SUA OPINIÃO, QUAL A MAIOR DIFICULDADE SENTIDA POR SEU(A) FILHO(A) SURDO(A)?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
	Não ser ouvinte	08
Ser discriminado na escola e em outros lugares por ser surdo(a)	11	24%
Não participar de todas as atividades da família por ser surdo(a)	11	24%
Outras	09	19%
Não há dificuldades	02	4%
NS	01	2%
NR	03	6%
branco	01	2%
Nenhuma opção	01	2%
TOTAL	47	

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Complemento da questão Dificuldades sentidas pelo filho(a) surdo(a) -

- “Na comunicação com ouvintes”
- “Não acha que o filho tenha problema de comunicação”
- “Na comunidade onde mora ninguém fala com ela”
- “Não falar ao telefone”.

GRÁFICO XXIII – Dificuldade
(pais ouvintes)



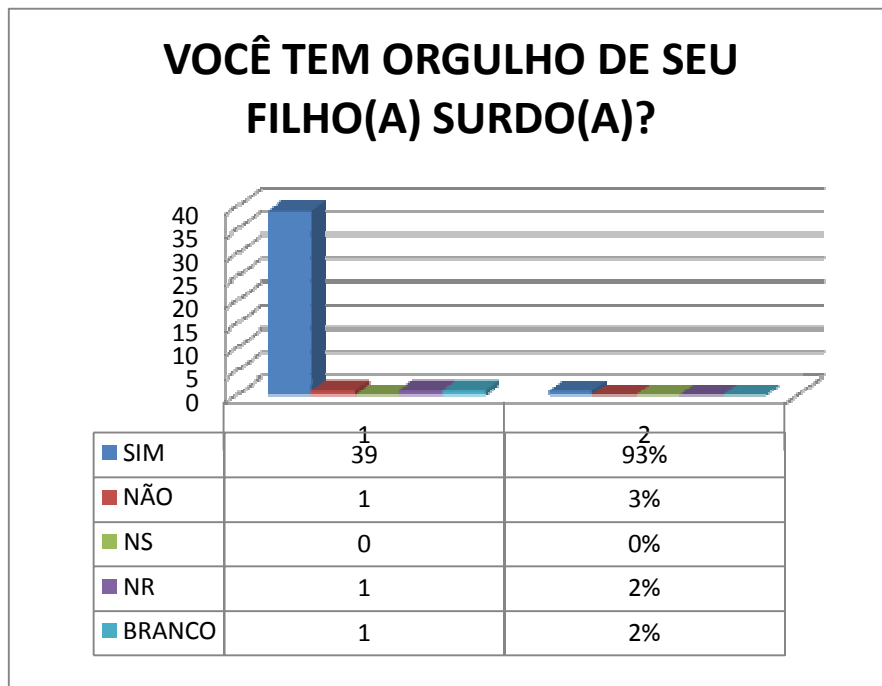
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO XXIV– Orgulho do filho surdo
(pais ouvintes)

VOCÊ TEM ORGULHO DE SEU FILHO(A) SURDO(A)?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
SIM	39	93%
NÃO	01	3%
NS	00	0%
NR	01	2%
BRANCO	01	2%
TOTAL	42	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XXIV– Orgulho do filho surdo
(pais ouvintes)



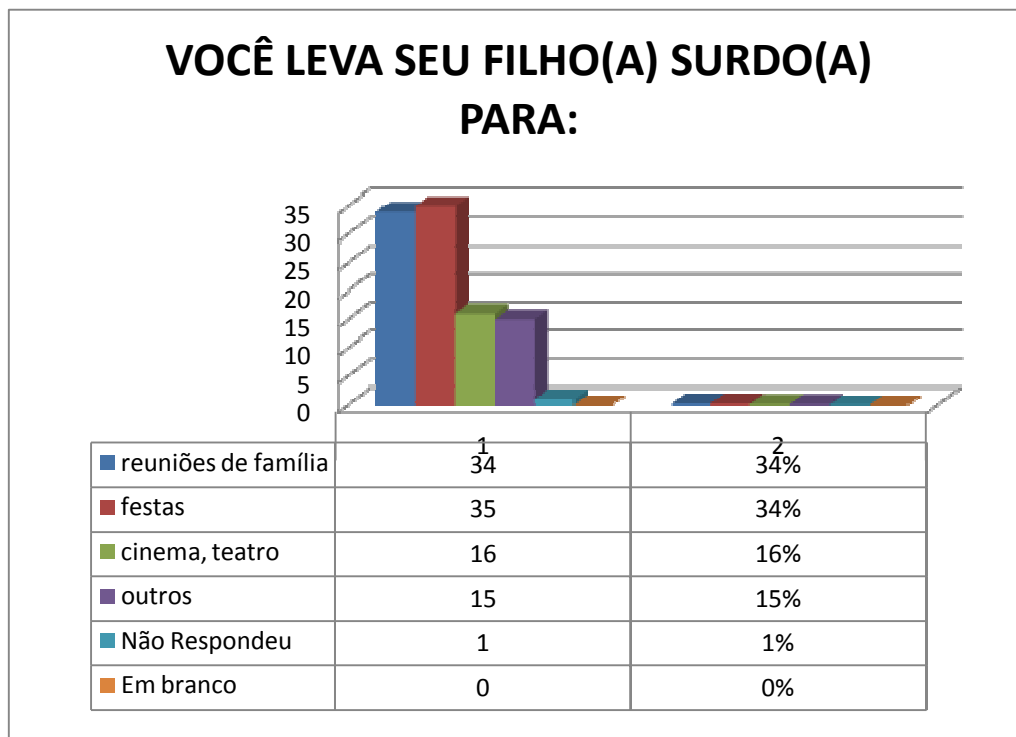
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO XXV – Participação na família
(pais ouvintes)
Pode-se marcar mais de uma resposta

VOCÊ LEVA SEU FILHO(A) SURDO(A) PARA:	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
reuniões de família	34	34%
festas	35	34%
cinema, teatro	16	16%
outros	15	15%
Não Respondeu	01	1%
Em branco	00	0%
TOTAL	101	

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XXV – Participação na família
(pais ouvintes)



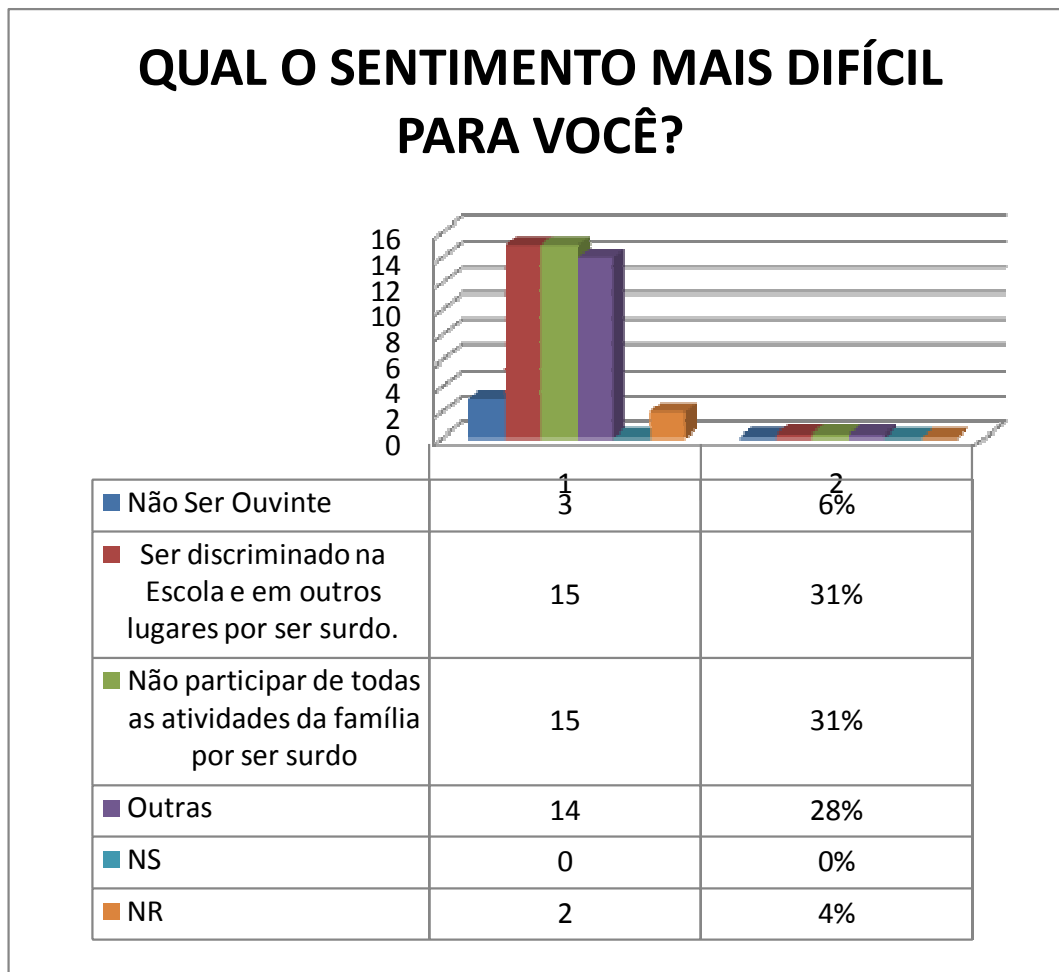
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO XXVI – Sentimento mais difícil
(surdos)

QUAL O SENTIMENTO MAIS DIFÍCIL PARA VOCÊ?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
Não Ser Ouvinte	03	6%
Ser discriminado na Escola e em outros lugares por ser surdo.	15	31%
Não participar de todas as atividades da família por ser surdo	15	31%
Outras	14	28%
NS	00	0%
NR	02	4%
TOTAL	49	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XXVI – Sentimento mais difícil
(surdos)



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Complemento das respostas em relação ao sentimento mais difícil para o surdo:

<ul style="list-style-type: none"> • Estar sozinho no meio dos ouvintes • Ela prefere estar na própria casa e porque se sente bem com o marido • Ouvinte me discrimina. A escola inclusão discrimina. É ruim. • Não respondeu
<ul style="list-style-type: none"> • Não tem sentimento difícil • Pessoa ouvinte provoca com ele. • Discriminação na rua.
<ul style="list-style-type: none"> • Não gosta de ficar sozinha em casa
<ul style="list-style-type: none"> • Discriminação de pessoa ouvinte. • Sentiu preconceito por ouvinte. • Sentiu de ouvinte faltar ter relação com ele.
<ul style="list-style-type: none"> • Preconceito das pessoas ouvintes. • Ela sente bem, nenhuma dificuldade

A própria Libras por ser uma língua gesto-visual chama muito atenção, não é algo que se possa esconder dos outros, o que pode causar certo constrangimento para alguns membros da família. Embora 93% dos pais respondam que os familiares não têm vergonha e que eles próprios 95% também não e 93% respondem ter orgulho.

Nas respostas apresentadas pelos surdos há uma contradição, ao se comparar com as dos pais, pois dizem que se sentem discriminados por não participarem de todas as atividades em família por serem surdos.

Não é uma questão apenas de ter vergonha ou não ter orgulho, mas de aceitar a diferença, o outro como ele é. Segundo Luz (2003) muitas vezes “[...] inconscientemente ou ingenuamente, atribuímos certos valores e dizemos para este indivíduo com tal olhar: você é uma pessoa menor porque te falta a audição!”

O que pode reforçar a contradição quanto ao que é apresentado pelos pais, se mostra onde os filhos gostam mais ou menos de usar a Libras:

QUADRO XXVII – Lugar onde usa mais a Libras

(pais ouvintes)

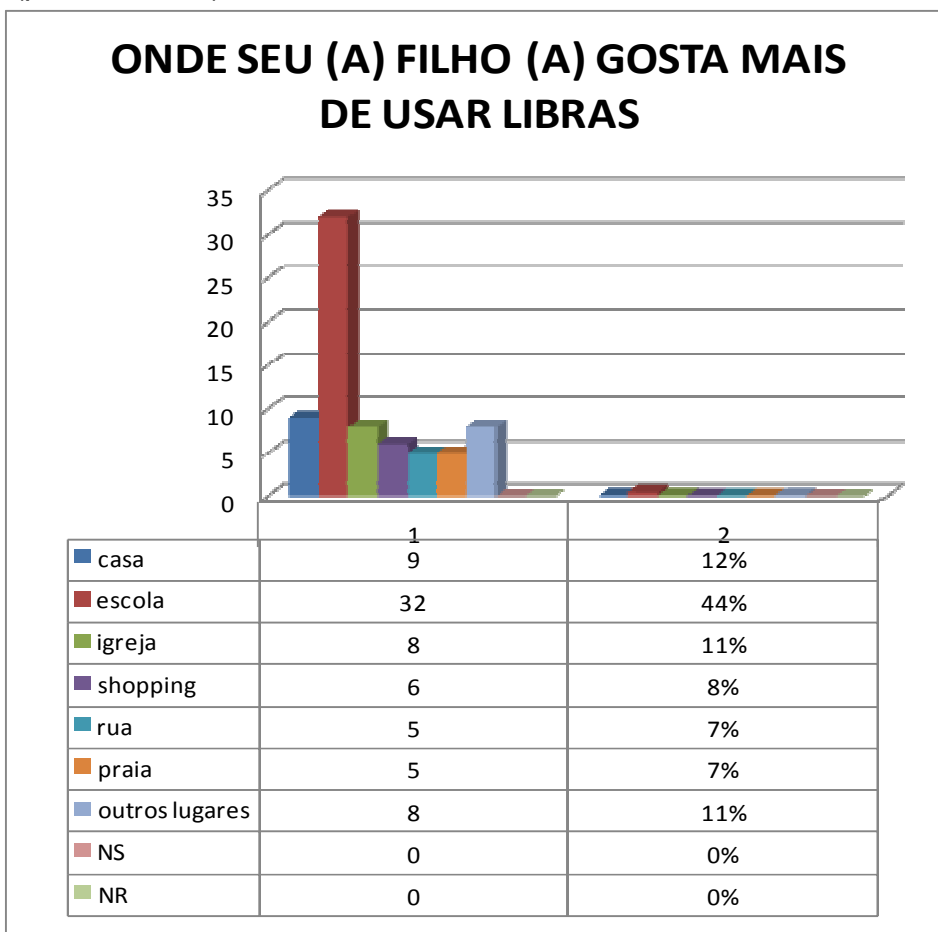
Pode-se marcar mais de uma resposta

ONDE SEU(A) FILHO(A) GOSTA MAIS DE USAR LIBRAS	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
casa	09	12%
escola	32	44%
igreja	08	11%
shopping	06	8%
rua	05	7%
praia	05	7%
outros lugares	08	11%
NS	00	0%
NR	00	0%
TOTAL	73	

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XXVII – Lugar onde usa mais a Libras

(pais ouvintes)



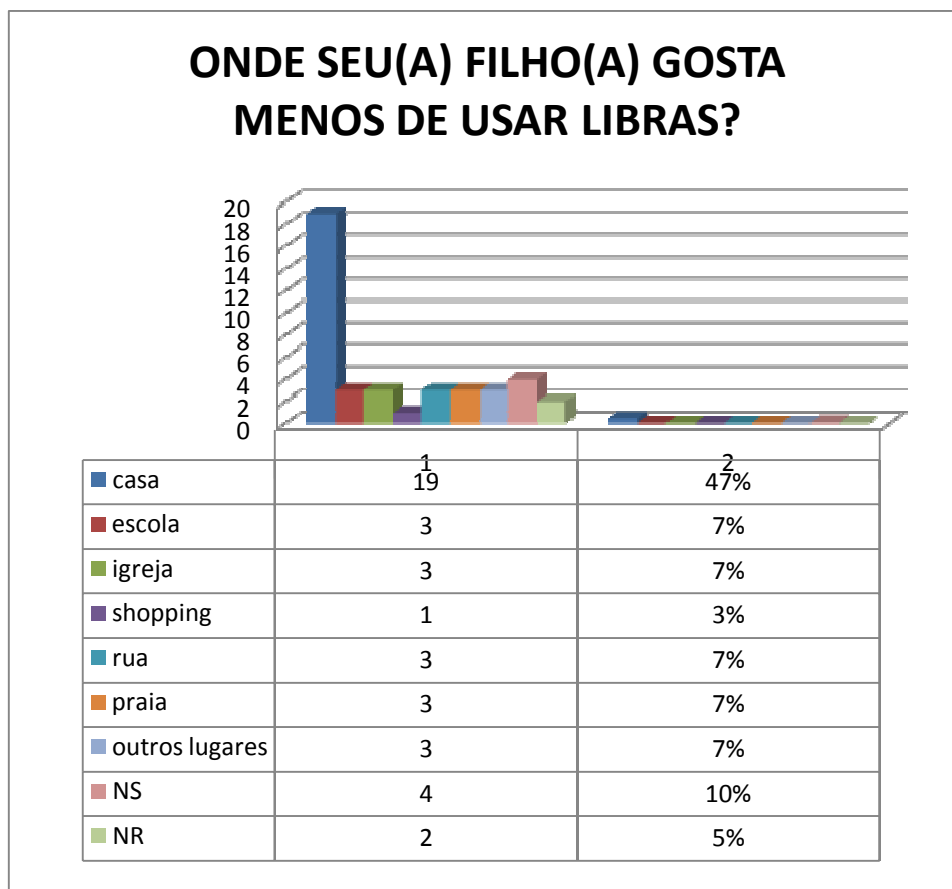
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO XXVIII- Lugar onde usa menos a Libras
(pais ouvintes)

ONDE SEU(A) FILHO(A) GOSTA MENOS DE USAR LIBRAS?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
casa	19	47%
escola	03	7%
igreja	03	7%
shopping	01	3%
rua	03	7%
praia	03	7%
outros lugares	03	7%
NS	04	10%
NR	02	5%
TOTAL	41	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XXVIII- Lugar onde usa menos a Libras
(pais ouvintes)



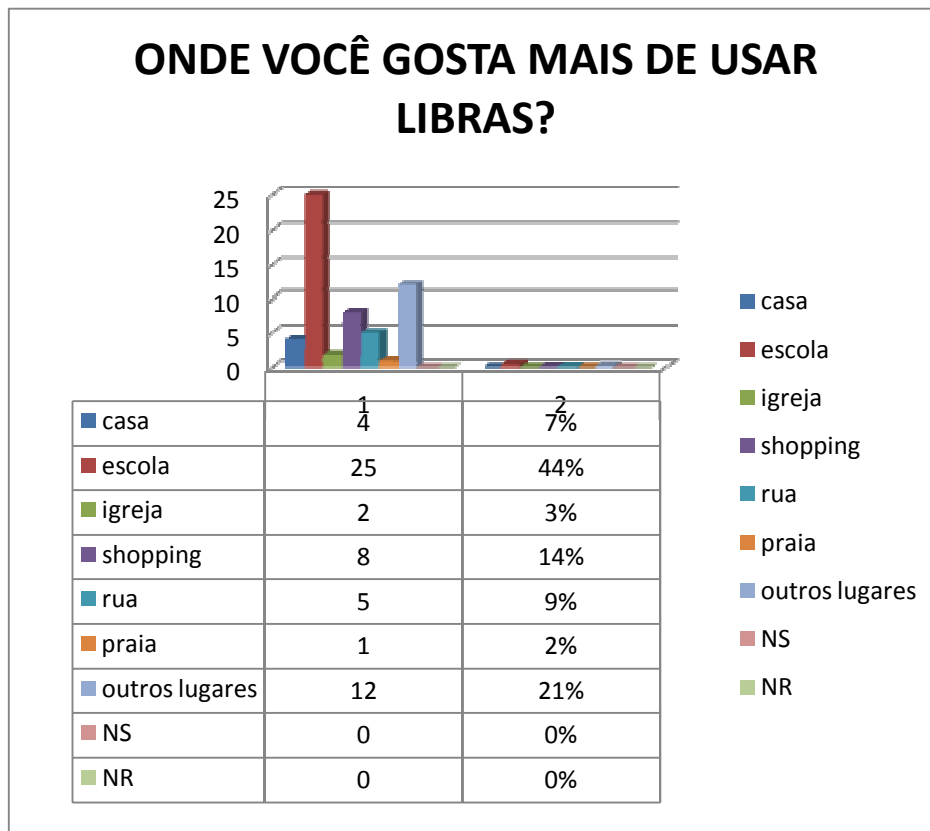
Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

QUADRO XXIX Lugar onde usa mais a Libras
(surdo)

ONDE VOCÊ GOSTA MAIS DE USAR LIBRAS?	ENTREVISTADOS	PERCENTUAIS
casa	04	7%
escola	25	44%
igreja	02	3%
shopping	08	14%
rua	05	9%
praia	01	2%
outros lugares	12	21%
NS	00	0%
NR	00	0%
TOTAL	57	100%

Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

GRÁFICO XXIX– Lugar onde usa mais a Libras
(surdo)



Fonte: Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009).

Observação: houve mais de uma resposta

Complemento da questão- Outros lugares

ASSPE- 03

Todos - 05

Shopping - 01

Passeio- 01

Suvag - 02

A resposta “em casa” é a menos utilizada, tanto pelos pais quanto pelos filhos surdos. O que reforça a questão da dificuldade de comunicação com a família. Apesar de conhecer a Libras saber que é a língua do seu filho, na família ela continua sem ser utilizada.

A “escola” ainda continua sendo o local onde os surdos mais se encontram. O que ressalta a questão anteriormente citada, a importância da presença do professor ou instrutor surdo na instituição, como garantia para o contato com a língua e a cultura surda.

Assim quanto mais velho o surdo entra em contato com a Libras, demonstra seu maior afastamento durante a infância de sua cultura e o convívio maior e predominante com a cultura dos ouvintes.

Como consequência, alguns surdos quando jovens ou mesmo adultos, conseguem superar as barreiras ideológicas dos ouvintes, identificando-se e lutando por sua identidade e cultura. Outros passam a vida sem compreender se pertencem à cultura ouvinte - aprendendo a falar e participar do mundo ouvinte, não se percebendo enquanto participante da comunidade surda, não elegendo a Língua de Sinais como sua própria língua - ou se pertencem ao mundo dos surdos.

Durante a adolescência, os jovens preferem estar mais na companhia dos amigos do que com a família, sentem mais afinidade com o grupo da mesma idade. Mas no caso do surdo, além da questão natural de uma busca do jovem de uma identificação com a faixa etária e o afastamento dos pais, há uma questão que os levaria a procurar aqueles com quem se identifica a busca por sua língua, sua cultura, estar próximos com aqueles que são seus pares. Não buscam apenas surdos jovens, mas admiram os adultos surdos, com quem se identificam. Sentem

orgulho de ver um surdo adulto que trabalha, que se comunica, que se sente feliz e se assume como surdo, como diferente.

Estar com seus pares proporciona aprendizagem e o prazer de conhecer, de poder discutir sobre tudo que está ao seu redor.

Enfim, para que a família ouvinte possa se tornar o lugar onde o surdo crescerá, se desenvolverá e poderá vivenciar sua cultura, será necessário que esta encontre o apoio necessário para superar suas dificuldades quanto ao nascimento e convivência com este filho.

Não será algo que acontecerá como mágica, existe a necessidade de se construir novos caminhos, romper com antigas idéias-como o que é ser “normal”-buscar respeitar as diferenças, sem acreditar que todos precisam ser iguais para serem felizes.

Para isto precisam conhecer uma nova realidade e cabe aos profissionais com o qual entram em contato lhes permitir conhecer as inúmeras oportunidades. Conhecer mais de perto e saber a importância da Libras para seu filho, como do contato com outras crianças e adultos surdos, para a constituição de sua identidade. E a certeza que isto não lhe afastará de seu filho, mas contribuirá para o seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família constitui espaço privilegiado de desenvolvimento para o indivíduo. Na família o sujeito se constitui, é introduzido na cultura. Quanto mais estimulador e estruturante este ambiente, mais facilitador para o indivíduo poder ser inserido na sociedade. A partir do grupo família, o indivíduo passa a interagir e conviver nos demais grupos sociais, e traz consigo idéias, valores e costumes adquiridos neste primeiro contato com o mundo. É a família que apresenta a criança o mundo, a língua que é muito mais que um código, um bem que lhe permitirá apropriar-se de tudo construído pela humanidade, conhecimentos, regras sociais próprios de cada cultura, de cada povo.

Entretanto, na atualidade fala-se que a família está se desestruturando, perdendo seus valores, em uma crise de paradigmas, alguns mais céticos chegam a afirmar que familiar deixará de existir. Todos baseados em um modelo de família nuclear, pai, mãe e filhos, na qual a estrutura patriarcal e o papel do homem como provedor se destacam - herança histórica de nossa formação familiar. No entanto, a família contemporânea se constitui de diversos arranjos, as mudanças nos papéis e funções dentro da instituição, desafiando esta figura patriarcal, fazem com que se construa esta idéia equivocada do fim da família. Atualmente muitos modelos de família permeiam a nossa sociedade, esta não irá acabar, está modificando-se, redefinindo os papéis de seus membros e independente de sua constituição é responsável pela formação dos seus membros mais novos.

Mas, seja qual for o seu modelo, a partir da descoberta de uma gravidez, surge por parte de seus membros a idealização do filho. A escolha do nome, sexo, com quem irá parecer, são frutos de uma construção que se faz, a partir de um modelo de normalidade impregnado na sociedade. Não se espera a chegada de uma criança diferente do grupo familiar. Seja qual for a diferença trará impactos, pois desconstrói aquilo que havia sido planejado, idealizado, olhos do pai, cabelos da mãe, gênio do avô e assim por diante.

Com a descoberta da surdez de um filho, algo que não é visível, apenas percebido mais tarde, também o ideal se desfaz. Não é um acontecimento natural, fugiu as expectativas planejadas. A família precisa de um tempo para entender como lidar com aquela criança, não se tem um manual do que fazer e como. Um filho que não escuta como poderá então se efetivar a comunicação entre pais e filhos. Há dúvidas a respeito do futuro e de quem é este filho. Muitas perguntas são formuladas pelos pais, que em contrapartida recebem as informações dos profissionais da área da saúde, que muitas vezes não foram preparados para entender o surdo de outra maneira que não a de deficiente, no lugar daquele que falta a audição.

E, portanto encarando a sua função como a de tornar aquela pessoa o mais “normal” possível, para o seu próprio bem, para que possam conviver em sociedade e serem produtivas, aconselham o máximo de recursos disponíveis para garantir a cura, o implante coclear se torna uma alternativa, a reabilitação oral, com treinamentos intensivos o mais recomendado. Analisando os dados, podemos ver o quanto estas famílias investem em diversos tratamentos, demonstram o desejo do implante coclear e indicam o Português como a primeira Língua de seus filhos, pois, houve o investimento no estímulo ao seu aprendizado.

Muitos pais devido ao contato com as informações médicas ainda vêem o surdo como deficientes, com perdas auditivas, na Pesquisa Figurações Culturais - Surdos na Contemporaneidade (2009), percebe-se uma queda neste modo de perceber o surdo. Entretanto ainda se tem um caminho a seguir para que os pais possam ver estes filhos de uma forma diferente, já existem aqueles que conseguem conceituar seus filhos surdos como Pessoas pertencentes a uma comunidade surda e Pessoas pertencentes a uma minoria lingüística.

Isto ocorre graças à luta dos surdos que contrariando as expectativas de que ser surdo é algo horrível, quando jovens e/ou adultos descobrem através do contato com a Libras que podem se reconhecer e construir uma identidade própria de pessoas capazes e felizes. Mas, nem sempre, as famílias podem tomar conhecimento dessa realidade. Não é permitido ao surdo estar próximo destas famílias, quando se descobre à surdez em uma criança. Eles, principais

protagonistas desta história, que poderiam dizer a estes pais de sua própria experiência, do que representa sua língua, sua história, sua cultura. De como são felizes e orgulhosos de sua condição de surdos.

É possível perceber ao analisar os dados que os pais tomam conhecimento da existência da Libras, apenas quando seus filhos entram na escola e o reconhecimento da questão da surdez fica a encargo da visão do médico. Não podendo assim muitas vezes desfrutar e entender os benefícios que a Libras trará para seus filhos, tanto no campo do desenvolvimento cognitivo, quanto emocional. Mas os pais demonstram desejar o melhor para seus filhos, investem naquilo que acreditam ser o melhor e o que muitos pais fazem, o fazem acreditando estarem certos, estarem investindo em um futuro para seus filhos.

Entretanto, na dúvida e na falta de contato com a comunidade surda, para servir de orientação, os pais ficam com o que ouviram no primeiro contato com os profissionais de saúde, desta forma o surdo entra em contato tardiamente com sua própria língua juntamente com sua família. Até este momento criam-se maneiras de se comunicar embora não seja o ideal, já acontece um movimento na busca de se estabelecer vínculos, embora esta comunicação seja realizada como forma de informações, acredita-se existir por parte dos pais o desejo de estabelecer vínculos afetivos, tão necessários ao desenvolvimento. No entanto, não é fácil para os pais se comunicarem em uma língua que é o oposto daquele que domina. O canal de comunicação é outro, com o corpo, as mãos, as expressões, tão diferente da fala, que apesar de se utilizar de recursos visuais, não se pode compreender que gestos não é Libras, quando não se tem este conhecimento.

Ainda colocando o filho no lugar de deficiente os pais apontam ter orgulho deste filho surdo, o que é bom para garantir esta aproximação afetiva. Talvez a dificuldade dos pais esteja centrada no que lhes é diferente, mas seu filho lhe causa alegria, orgulho é seu filho. Não podemos negar o desejo de que fossem ouvintes, quando respondem que tem surdos que gostariam de ser ouvinte. Como todos fazem, enxergam seus filhos sob a ótica de que ouvir é uma grande graça, um grande bem, passam a vida a imaginar que seus filhos foram privados de tal bem,

tão precioso. Como viver sem ouvir uma música, o som da voz daqueles que lhes são mais próximos, estão isolados, em um mundo sem som.

A tentativa de conclusão deste trabalho indica que a família por não estar preparada para o filho real sente-se perdida ao lidar com o filho diferente, entretanto, se encontrassem apoio e informações daqueles que poderiam verdadeiramente cooperar, os surdos das Associações e Federações, que lhes pudessem mostrar o quanto a Libras contribui para o desenvolvimento do sujeito surdo e que quanto mais cedo estas crianças entrarem em contato com sua língua mais se desenvolveram.

Que ser surdo não é o fim da estrada, mas o começo de um novo modo de ser e estar no mundo, que se é feliz, pois não é escutar que garante ao ser humano esta felicidade, mas o sentimento de pertencimento. Quanto mais cedo conviver com outras crianças, jovens e adultos surdos, construirá uma imagem positiva ao seu respeito.

Se os pais tivessem contato mais cedo com outros surdos, poderiam compreender que suas angústias quanto a um futuro poderiam ser amenizadas ao verem que os surdos aprendem, trabalham, se casam, tem uma vida como a de qualquer outra pessoa. Não é a surdez que é o problema, mas o preconceito, a falta de informações ou as informações distorcidas da realidade que perpetuam conceitos a respeito da surdez como algo ruim.

É preciso estar próximo dos surdos para sentir toda a riqueza deste universo e proporcionar as crianças surdas à oportunidade de crescerem felizes e reconhecendo-se como capazes. “O ‘povo’ surdo é alegre. Talvez porque tenha havido muito sofrimento em sua infância. Eles têm prazer em se comunicar e se alegram sempre.” (LABORIT, 1994, p. 75).

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, M. C. L. de A.; BRAGA, M. da G. R. **Uma redescoberta de família e a função paterna**. Encontro: Revista de Psicologia. Jul./Dez., Santo André: UNIA, 2004, pp. 033-046

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BISOL, C. A. **Construção de uma Identidade Cultural de Surdos em Parceria com Pais Ouvintes**. Revista Espaço, n. 22, Jul./Dez. 2004, p. 20-27.

CHURCH, J. Language and the discovery of reality. Nova York, Random House, 1961, pp. 94-95 apud SACKS, O. **Vendo Vozes** - Uma viagem ao mundo dos surdos/ tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 5. Ed., 2005.

COSTA, L. S. **Depoimento de Lúcia Severo**. Espaço: Informativo Técnico-Informativo do Instituto Nacional de Educação de Surdos, n. 11, 48-50, junho/1999.

HOFFMEISTER, R. J. **Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiologia**, em SKLIAR, C. (org.) Actualidad de la educación bilingüe para sordos - vol. 2, Porto Alegre: Mediação, 1999.

IPEA. **Famílias brasileiras chefiadas por mulheres aumentaram dez vezes ao longo de 13 anos**. <http://www.correiodobrasil.com.br/noticia.asp?c=143288> (acessado em 09/09/2008).

LABORIT, E. **O vôo da gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência**. A comunidade surda amordaçada / Horizontes Pedagógicos. Tradução Cristina Reis. 1992.

LUZ, R. D. **Violência psíquica e surdez-os caminhos de um (dês)encontro**. Revista Espaço, n. 20, 2003.

MACHADO, J. P. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, 2003 (acessado em 17/07/2009 www.ciberduvidas.pt/search.php)

MACHADO, J. L. A. **De Olho na História**/ Portal Planeta Educação www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp? acesso dia 17/07/09 as 10:16

MALDONADO, Jorge E. **Casamento e família**: Uma abordagem bíblica e teológica. Tradução Carlos Tadeu Grybowski/Editor Ultimato. Viçosa, Minas Gerais, 2003.

MOTTA, A. B. da. **Gênero, Família e Fases do Ciclo de Vida**. Dossiê Caderno CRH, Salvador, nº29, p. 13-20, jul/dez,1998.

MURICY (acessado em 17/07/09)

NEVES, O. **Do Dicionário de origem das palavras**. 24 de abril de 2008-amaltadomontijo.blogspot.com/.../palavra-familia.html(acessado em 17/07/09)

OLIVEIRA, H. S., SANTOS, I.C.M. e SILVA, V.N.- Implicações da Surdez nas Relações Familiares: o Isolamento nas Famílias Surdas.Primeiras Aproximações./ Caderno A discriminação em Questão II. / Estudos Surdos. Recife: Secretaria de Educação PE, 2002.

OUTEIRAL, J.- **Família e contemporaneidade**. - Jornada psicanalítica v. 40, n. 42. São Paulo: 2007.

PERLIN, Gladis T. T. **Histórias de vida surda**: Identidades em questão. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação. Porto Alegre: 1998.

PERRENOUD, R. **Luz da Idade Média**. A Organização Social www.permanencia.org.br/revista/historia/luz1.htm (acessado 17/07/09)

REGEN, M. A. **Instituição família e sua relação com a deficiência**. Revista do Centro de Educação Cadernos. Edição: 2005. n. 27 www.worldcat.org/wcidentities/lccn-n89-183384 (acessado 17/07/09).

SACKS, O. **Vendo Vozes**. Uma viagem ao mundo dos surdos/ tradução: Laura Teixeira Motta. 5. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS et. al. **Implicações da Surdez nas Relações Familiares:** Reflexões Iniciais. I Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Surdos/ Estudos Surdos. Centro Suvag de Pernambuco. Trabalhos de Conclusão /CAMPELLO, M. T. B.(org.).

STELLING, E. P. **A relação da pessoa surda com sua família.** Revista Espaço, n. 11, p. 45-47. Rio de Janeiro, 1999.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura Surda.** Florianópolis: UFSC, 2008.

VILHALVA, S. **Recortes de uma vida:** descobrindo o amanhã. 1. ed. Campo Grande: 2001.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.